

X Colóquio de Zoologia Cultural



Livro do Evento – vol. 2 PALESTRA DE ABERTURA E TEMAS LIVRES

20 e 27 de dezembro de 2025

Parte presencial: Museu de Folclore Edison Carneiro

Parte remota: YouTube @coloquiodezoologiacultural7723

X Colóquio de Zoologia Cultural



Livro do Evento – vol. 2 PALESTRA DE ABERTURA E TEMAS LIVRES

Editores do livro:

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Departamento de Zoologia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

Luci Boa Nova Coelho

Departamento de Zoologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Organizadores do evento

Prof. Dr. Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio
Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural - Labeuc

Dra. Luci Boa Nova Coelho

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto de Biologia - IB

Responsáveis por:

Produção gráfica e divulgação em **A Bruxa** (www.revistaabruxa.com)
Luci Boa Nova Coelho

Parte presencial, palestra de abertura, divulgação nas redes sociais e lançamento no YouTube
(@coloquiodezoologiacultural7723)
Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Revisão ad hoc

Arlindo Serpa Filho – Famath

Elidiomar Ribeiro Da-Silva – Unirio

Filipe Augusto Gonçalves de Melo – Universidade Estadual do Piauí

Higor Tomaz Teixeira de Castro – Museu Ciência e Vida

Jean Carlos Miranda – UFF

Luciana Aguilar Aleixo – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Luciana Barboza Silva – Universidade Federal do Piauí

Luci Boa Nova Coelho – UFRJ

Maíra Moraes – UVA

Vinícius de Menezes Estrela Santiago – UERJ

Virgínia Codá – Fiocruz

Waldiney Cavalcante de Mello – UERJ

O conteúdo dos resumos aqui apresentados é de inteira responsabilidade dos autores

O **Colóquio de Zoologia Cultural** continua nos impressionando no que diz respeito ao alcance temático dos trabalhos apresentados — cada vez mais ousados, inventivos, inesperados e estimulantes. Nesta edição, como já virou tradição, o leque de abordagens é amplo: vai da cultura pop às manifestações populares, sempre com muito bicho, história, inclusão e representatividade. Em todos esses caminhos, o fio condutor permanece o mesmo: o universo dos animais como mediador simbólico e cultural.

Na edição de 2025, tivemos uma novidade interessante: um momento presencial, prévio ao evento em si. A parte presencial foi realizada no dia 20 de dezembro, no Museu de Folclore Edison Carneiro, que muito bem nos recebeu e ofereceu todas as condições perfeitas para que nossa conversa corresse solta. Nossos agradecimentos aos gestores e servidores da instituição, sempre super gentis e eficientes. À propósito, se você mora no Rio de Janeiro e ainda não conhece o Museu, pare tudo e vá conhecer, fica na Rua do Catete 179.

Tivemos também a incorporação dos trabalhos apresentados na **XIII Mostra Virtual de TTZ e ETZ: A Zoologia e a Terceira Arte**. Eles podem ser identificados pelo título iniciando por A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE. Tal evento constitui o trabalho final das disciplinas Técnicas de Trabalho em Zoologia e Ensino de Técnicas em Zoologia, do Instituto de Biociências da Unirio, e pode ser visto em https://www.instagram.com/p/DSG_1YTjYAT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Vale destacar ainda que, apesar de seu caráter acadêmico, o Colóquio de Zoologia Cultural se mantém amplamente aberto à participação de diferentes públicos. Tivemos a satisfação de contar com estudantes da educação básica, inclusive como apresentadores de trabalhos, o que consideramos extremamente valioso. Nosso agradecimento especial vai aos docentes que incentivaram essa participação.

Ah, caso algum resumo tenha despertado maior interesse, vale a pena conferir a apresentação correspondente no YouTube — e, melhor ainda, compartilhar para que esse material circule e alcance ainda mais pessoas.

Os links gerais lá no YouTube são:

- **Canal do Colóquio de Zoologia Cultural:** @coloquiodezoologiacultural7723
(A propósito, já se inscreveu no canal e acionou o sininho de notificações?)
- **Playlist específica do X Colóquio de Zoologia Cultural:** https://www.youtube.com/playlist?list=PLVk9Yf7CmhR2r54hvLu-WI7sJutF_rmrP

Para mais informações, visite nosso veículo oficial, a revista **A BRUXA** - www.revistaabruxa.com. Aproveite e veja os artigos e livros publicados lá. Você vai gostar do conteúdo.

Que venha 2026.
Organização do X CZC



Slide final da palestra de abertura

Artigo sobre a palestra de abertura.....pág. 7

Resumos e pôsteres

Trabalhos apresentados sob a forma de pôster.....pág. 16

Resumos e capturas de tela da apresentação

Trabalhos apresentados em vídeo narrado.....pág. 39

Agradecimentos.....pág. 60

Encerramento.....pág. 61

A zoologia no imaginário popular: breve análise das representações faunísticas no acervo do Museu de Folclore Edson Carneiro

Elidiomar Ribeiro Da-Silva
elidiomar@gmail.com

Resumo – A zoologia cultural configura-se como um campo transdisciplinar dedicado à análise das relações simbólicas, narrativas e materiais entre animais e cultura humana, com especial relevância no contexto do folclore brasileiro. Fundamentado na concepção clássica de folclore como “ciência do povo”, o estudo analisa peças do acervo do Museu de Folclore Edson Carneiro, à luz da 10ª edição do Colóquio de Zoologia Cultural. Por meio de metodologia qualitativa, examinam-se mitos como o Lobisomem, o Saci, a Matinta Pereira e as Carrancas, evidenciando a fauna como matriz simbólica de identidades, crenças e conflitos. A zoologia cultural é, assim, ferramenta estratégica para educação, comunicação científica e preservação da memória cultural.

Palavras-chave: arte; cultura popular; presença animal.

Abstract – **Zoology in the popular imagination: a brief analysis of faunal representations in the collection of the Edison Carneiro Museum of Folklore.** Cultural zoology is a transdisciplinary field that investigates symbolic, narrative, and material relationships between animals and human culture, with particular relevance to Brazilian folklore. Grounded in the classical understanding of folklore as “the people’s science,” this study analyzes selected objects from the Edison Carneiro Museum of Folklore, drawing on discussions from the 10th Cultural Zoology Colloquium. Using a qualitative approach, it examines myths such as the Brazilian Werewolf, Saci, Matinta Pereira, and riverine Carrancas, highlighting how local fauna shapes beliefs, identities, and social meanings. Cultural zoology emerges as a key tool for education, scientific communication, and the preservation of cultural memory.

Keywords: animal presence; art; popular culture.

Resumen – **La zoología en el imaginario popular: breve análisis de las representaciones faunísticas en el acervo del Museo de Folclore Edson Carneiro.** La zoología cultural es un campo transdisciplinario que analiza las relaciones simbólicas, narrativas y materiales entre los animales y la cultura humana, con especial énfasis en el folclore brasileño. Basado en la concepción clásica del folclore como “ciencia del pueblo”, este estudio examina piezas del acervo del Museo de Folclore Edson Carneiro, en diálogo con la 10ª edición del Coloquio de Zoología Cultural. Mediante una metodología cualitativa, se analizan mitos como el Lobisón brasileño, el Saci, la Matinta Pereira y las Carrancas, evidenciando a la fauna como núcleo simbólico de creencias e identidades. La ZC se consolida como herramienta pedagógica y de preservación cultural.

Palabras clave: arte; cultura popular; presencia animal.

Introdução

O X Colóquio de Zoologia Cultural representou a resposta a uma demanda antiga dos participantes e seguidores: um retorno às atividades presenciais. De fato, após as edições de 2016 a 2019, com a pandemia de covid-19 o evento passou a ser realizado no **YouTube**. Assim continua sendo com relação à presente décima edição, porém, previamente, no dia 20 de dezembro de 2025, tivemos um momento prévio presencial. Realizado no Museu de Folclore Edison Carneiro, três temas livres foram apresentados, antecidos pela palestra de abertura, intitulada “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (Figura 1). A palestra foi depois gravada e disponibilizada na abertura do **X Colóquio de Zoologia Cultural** no **YouTube**, em 27 de dezembro (DA-SILVA, 2025). O presente artigo é baseado nessa palestra (Figura 2).



Figura 1. Palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” sendo proferida no Museu de Folclore Edison Carneiro (foto: Ismael de Jesus Henrique).



Figura 2. Slide inicial da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025).

A zoologia cultural emerge como um campo transdisciplinar que investiga as complexas relações entre os animais e as diversas manifestações da cultura humana. Desde os primórdios

da espécie, o interesse pelos outros seres vivos transcendeu a necessidade de sobrevivência, manifestando-se em registros simbólicos que remontam às pinturas rupestres (DA-SILVA & COELHO, 2016). No contexto brasileiro, essa relação é profundamente enraizada no folclore. É imperativo, contudo, resgatar a definição de folclore. Longe de ser apenas o "pitoresco", o "bizarro" ou o "mentiroso", o folclore é, conforme a clássica definição de Luís da Câmara Cascudo, a cultura popular, a ciência do povo (CASCUDO, 1967).

O presente trabalho busca analisar como essa sabedoria popular utiliza a fauna como matéria-prima para a construção de mitos, artes e identidades, tomando como base a 10ª edição do **Colóquio de Zoologia Cultural** e o acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro. Assim, os objetivos são identificar a presença e a simbologia de animais silvestres e domésticos nas peças de acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, analisar as conexões entre o conhecimento biológico e as narrativas mitológicas brasileiras, e discutir o potencial da zoologia cultural como ferramenta pedagógica e de preservação da memória nacional.

Área de estudo e metodologia

O Museu de Folclore Edison Carneiro é uma instituição museológica pública dedicada à preservação, pesquisa e divulgação da cultura popular material e imaterial do Brasil. Localizado no bairro do Catete, na cidade do Rio de Janeiro, na Rua do Catete, nº 179/181, o museu integra o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), com acesso gratuito ao público (IPHAN, 2022; VISITE MUSEUS, 2025). Criado em 1968 a partir da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e nomeado em homenagem ao folclorista, etnólogo e historiador Edison Carneiro, a instituição abriga um acervo de mais de 17 mil objetos de diversas proveniências e técnicas, organizados em exposições permanentes como e em mostras temporárias. O museu desempenha papel sociocultural relevante na documentação, conservação e difusão do patrimônio cultural popular brasileiro, constituindo um espaço de referência para pesquisas etnográficas, educação patrimonial, e promoção das saberes e práticas sociais de grupos culturais múltiplos no Brasil (IPHAN, 2022).

A metodologia empregada é de natureza qualitativa e descritiva, baseada na análise iconográfica e narrativa de peças do acervo do museu mencionado, bem como no levantamento bibliográfico de literatura de cordel e periódicos especializados (como a revista **A Bruxa**). Foram selecionados casos emblemáticos que exemplificam a hibridização entre o biológico e o imaginário, como o lobisomem, o Saci e as carrancas.

Resultados e discussão

O lobisomem e a fauna rural – Diferentemente do mito europeu classicamente ligado ao lobo (*Canis lupus* Linnaeus, 1758 – Carnivora: Canidae), o lobisomem brasileiro reflete a fauna local ou doméstica. No Brasil, o ser se transmuta em animais comuns ao cotidiano rural: porcos, cachorros, cavalos e até patos. A xilogravura de J. Borges, presente no museu (Figura 3), ilustra uma versão feminina do mito (uma "lobisomem mulher"), subvertendo a ideia de que apenas homens seriam afetados pela maldição e reforçando a pluralidade narrativa regional.



Figura 3. Xilogravura de J. Borges exposta no Museu de Folclore Edison Carneiro.

Carrancas e a etologia da proteção – As carrancas do Rio São Francisco utilizam a anatomia animal para projetar ferocidade. Com feições que remetem a leões ou feras fantásticas, essas esculturas visam "espantar maus espíritos". Pode-se até fazer uma correlação com o uso moderno de mascotes no futebol: a adoção de uma estética agressiva para intimidar o oponente, independentemente da natureza real do animal representado (Figura 4).



Figura 4. Parte de slide da palestra "Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore" (DA-SILVA, 2025), mostrando carrancas do acervo – comparação com a aparência agressiva de mascotes de futebol.

A ornitologia no mito: Saci e Matinta Pereira – Um dos pontos mais fascinantes da zoologia cultural é a ligação entre o Saci Pererê (ou a Matinta Pereira, no Norte) e a ave *Tapera naevia* (Linnaeus, 1766) (Cuculiformes: Cuculidae) (Figura 5). Conhecida popularmente como saci, sem-fim ou crispin, essa ave da família dos cucos possui um canto onomatopáico que repete o nome do personagem folclórico. A dificuldade em visualizar a ave, que costuma cantar escondida na vegetação, alimentou o imaginário de um ser sobrenatural e invisível.

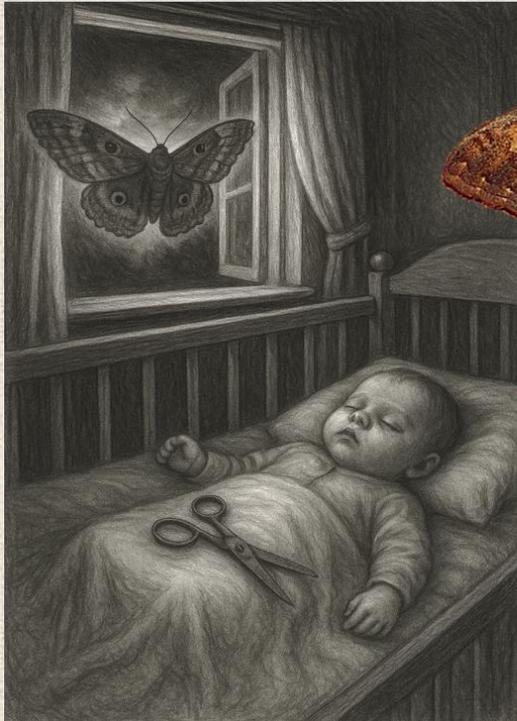


Figura 5. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (Da-Silva, 2025) mostrando a ave saci ladeada por ilustrações da Matinta Perera e do Saci Pererê, expostas no Museu.

Crendices e conflitos: cobras, mariposas e o Boto – A pesquisa aponta para a persistência de mitos com impacto direto na percepção da fauna. Há narrativas não expostas diretamente no Museu de Folclore Edison Carneiro, mas recorrentes no imaginário e nas conversas de quem visita a instituição. Como, dentre tantas opções, a lenda das serpentes mamadoras de leite humano (Figura 6), prova de que o relato oral imaginário muitas vezes suplanta a evidência científica, e a crença de que a mariposa-bruxa (*Ascalapha odorata* Linnaeus, 1758 – Lepidoptera: Erebiidae) representa presságio de morte, estigma cultural que pode afetar a conservação de insetos. Sobre essa última (Figura 7), já ouvi relato de que em alguns lugares do interior de Santa Catarina, é prática corrente deixar uma tesoura enferrujada sob o travesseiro no berço dos bebês, como forma de repelir as mariposas. Dentro dessa mesma questão conflitual, mas aí no caso bem representado no Museu, há sedutor das águas amazônicas, o Boto (Figura 8).



Figura 6. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025), falando sobre a lenda das serpentes que se alimentam de leite de mulheres.



A MARIPOSA DA MORTE



LENDAS SINISTRAS PELO MUNDO

Figura 7. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025), falando sobre a lenda da mariposa-bruxa.



Figura 8. Peça de balata exposta no Museu de Folclore Edison Carneiro, mostrando o Boto em ação sedutora.

Demais categorias simbólicas de animais – No Museu de Folclore Edison Carneiro, como em qualquer outro espaço de exposição cultural, é recorrente a presença simbólica dos bichos. E aí tanto faz se como componentes de festas populares, tipo Bumba-My-Boi, Cavalhada e folias diversas (Figura 9), como itens de artesanato fantasioso (Figura 10) ou mesmo como representações de animais de verdade (Figura 11), com respeito à morfologia real, ainda que com uma ou outra licença poética. Um destaque absoluto do Museu são os exemplares da literatura de cordel, com marcante presença zoológica (Figura 12).



Figura 9. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025), mostrando peças do acervo do Museu alusivas a animais em festas populares.



Figura 10. Peça artesanal do acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, com representação animal fantasiosa.



Figura 11. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025), mostrando peças do acervo do Museu representando a morfologia real dos animais.

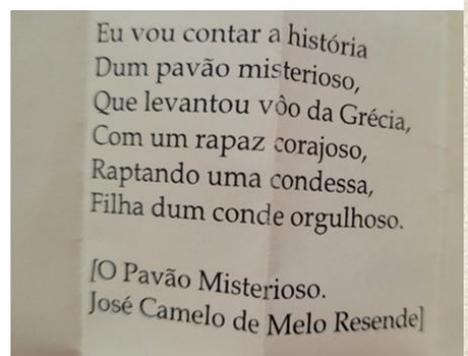
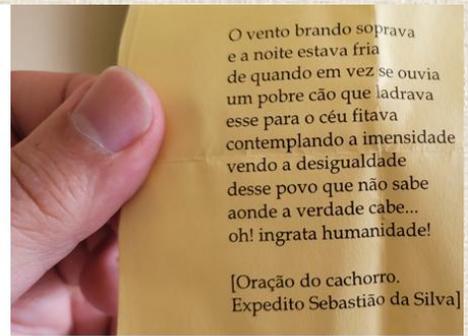


Figura 12. Parte de slide da palestra “Folclore dos nossos bichos: a zoologia nas artes de acervo do Museu de Folclore” (DA-SILVA, 2025), mostrando cordéis expostos no Museu.

Considerações finais

A zoologia cultural não é apenas uma curiosidade acadêmica; é uma ponte necessária para a comunicação científica. Ao tentar compreender – ou meramente supor – o que o povo pensa sobre os bichos, o pesquisador pode abordar temas de conservação e biologia de forma muito mais eficaz. O acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro serve como um "laboratório vivo" para essa análise, demonstrando que, nas artes do povo, a zoologia é o espelho de nossas próprias crenças e medos. Declara-se, portanto, a importância da continuidade de eventos como o **Colóquio de Zoologia Cultural**, que em seus dez anos de história consolidou um vasto material para o estudo da biodiversidade sob a lente da cultura. Em que instituições como o referido museu e seu acervo se tornam mais que objetos de estudo, mas verdadeiros sujeitos da união entre ciência e cultura.

Referências

CASCUDO, L.C. 1967. **Contos tradicionais do Brasil**. Ediouro.

DA-SILVA, E.R. 2025. Palestra de abertura do X Colóquio de Zoologia Cultural. **YouTube: Canal Zoologia Cultural** [on-line]. Disponível em: <https://youtu.be/8CjeLvt3ISk>. Acesso em: 30 de dezembro de 2025.

DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2016. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. *In*: DA-SILVA, E.R. *et al.* (ed.). **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. UNIRIO, p. 24-34.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. 2022. Museu. **Gov.Br.** [on-line]. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/museu>. Acesso em: 30 de dezembro de 2025.

VISITE MUSEUS. 2025. Museu de Folclore Edison Carneiro. **Visite Museus** [on-line]. Disponível em: <https://visite.museus.gov.br/instituicoes/museu-de-folclore-edison-carneiro/>. Acesso em: 30 de dezembro de 2025.



Resumos e Pôsteres

DICIONÁRIO DA COLMEIA: O LEGADO INDÍGENA NOS NOMES DAS ABELHAS SEM FERRÃO (HYMENOPTERA: APIDAE: MELIPONINI)

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva² & Carlos de Melo Silva-Neto¹

1. UEG; 2. UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: conhecimento tradicional; etimologia; etnoentomologia; Tupi.

No Brasil, as abelhas sem ferrão (Apidae: Meliponini) receberam diversos nomes pelos povos indígenas, com base em características morfológicas, comportamentais ou de finalidade para a comunidade. A jataí (*Tetragonisca angustula*), abelha mais popular, tem seu nome provavelmente derivado do tupi "yata'i", que significaria "alimento doce". Já a abelha *Trigona spinipes*, conhecida como irapuá/irapuã/arapuã ou abelha-cachorro, foi nomeada devido à forma esférica de seu ninho, de modo que "yra" (abelha/mel) + "puã" (redondo). A abelha-borá (*Tetragona clavipes*), teve seu nome da palavra tupi "heborá", com significado de "o que há de ter mel", refletindo a promessa de uma boa colheita desse produto. A nomenclatura tupi de irai (*Nannotrigona testaceicornis*) possui um duplo sentido, "yra" (abelha/mel) + "y" (rio) ou "i" (pequena), podendo remeter tanto à qualidade de seu mel quanto ao seu tamanho reduzido. No caso de *Melipona quadrifasciata*, popularmente chamada de mandaçaia, com "manda" (vigia) e "çai" (bela), seu significado é "vigia bonita", fazendo referência à abelha guarda na entrada do ninho e a beleza de suas listras amarelas. "Uruçu", junção dos vocábulos "eiru" (abelha) e "su" (grande) representa a "abelha grande", como referência ao tamanho corporal avantajado das abelhas do gênero *Melipona*. *Oxytrigona tataira*, popularmente chamada de tataíra, no tupi, significa "abelha de fogo", com "tatá" (fogo) e "yra" (abelha/mel), remetendo à dor causada ao receber sua mordida, que vem acompanhada de ácido fórmico. Os significados etimológicos revelam forte vínculo dos povos originários com a fauna e uma grande capacidade de observação da natureza, um legado que demonstra a importância da cultura indígena até hoje.

<https://youtu.be/2oEY3eym3RY?si=ntvOTSriK5LCfAW3>



DICIONÁRIO DA COLMEIA:



O Legado Indígena nos Nomes das Abelhas Sem Ferrão (Hymenoptera: Apidae: Meliponini)

Matheus Carneiro Heinzelmann (UEG); Ana Beatriz Cruz da Silva (UERJ); Carlos de Melo e Silva Neto (UEG)



Tetragonisca angustula
Jataí = "yata'i" = alimento doce



Trigona spinipes
Arapuá = "yra" (abelha/mel) + "puã" (redondo)



Tetragona clavipes
Borá = "heborá" = o que há de ter mel



Tetragona clavipes
Borá = "yra" (abelha) + "y" (pequena) = abelha pequena



Melipona quadrifasciata
Mandaçaia = "manda" (guarda) + "çai" (bela) = guarda bonita



Melipona quinquefasciata
Mandaçaia = "eiru" (abelha) + "su" (grande) = abelha grande



Oxytrigona tataira
Tataíra = "tata" (fogo) + "yra" (abelha) = abelha de fogo

ETNOGRAFIA DAS MAMANGAVAS (HYMENOPTERA: APIDAE) NA AMÉRICA DO SUL

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva² & Carlos de Melo Silva-Neto¹

1. UEG; 2. UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: crenças populares; etnoentomologia; folclore; simbologia; tupi.

Mamangavas, mamangás, dentre outras variações, são abelhas (Hymenoptera: Apidae) parassociais de grandes dimensões, pertencentes aos gêneros *Bombus*, *Centris*, *Eulaema*, *Xylocopa*, dentre outros, ainda que chamadas popularmente de “besouros”, por apresentarem porte robusto. A etimologia e origem de seus nomes populares não possuem consenso. Alguns autores apontam que significa, do tupi, “vespa de rodeio”, possivelmente referenciando seu voo oscilante. Outros estudiosos afirmam que sua origem é do tupi-guarani, com “mang” (bola) + “â” (erguer-se) + “caba” (vespa), com significado de “vespa que se eleva como bola”, possivelmente remetendo às grandes dimensões corporais desses insetos e à sua capacidade de voo. A simbologia sul-americana desses artrópodes carrega amplas interpretações ambivalentes. Em algumas regiões nordestinas do Brasil, são vistas como personificação de almas penadas purgando seus pecados. Já para algumas populações paulistas, a crença é mais cotidiana e agourenta: a entrada de uma mamangava em casa anuncia a chegada de carta ou visita, que pode ser boa (se a abelha for amarelada) ou ruim (se for escura). Essa crença detalha ainda que o tempo de permanência do inseto no recinto determina a duração da visita, mesmo que a abelha esteja apenas buscando madeira para seu ninho. Em Alagoas, acreditava-se que se a mamangava fosse torrada, moída e colocada em um buraco gerado pelo jato de urina da mulher desejada, a magia faria a mulher correr atraída aos braços do autor do feitiço. Em contrapartida, o folclore de povos originários da Argentina eleva as mamangavas ao sagrado, considerando-as arautas de boa sorte, fortuna e amor. Dessa forma, a mamangava espelha ricas e contrastantes crenças do imaginário popular sul-americano, refletindo integração entre importância cultural e ecológica.

<https://youtu.be/6MaF6yVA6lk?si=mIMiLBFrQqzBLJrb>

Etnografia das Mamangavas (Hymenoptera: Apidae) na América do Sul

Matheus Carneiro Heinzelmann (UEG); Ana Beatriz Cruz da Silva (UERJ); Carlos de Melo e Silva Neto (UEG)



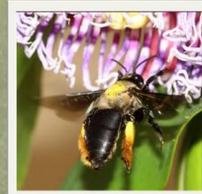
Bombus spp.



Centris spp.



Eulaema spp.



Epicharis spp.



Xylocopa spp.

“mang” (bola) + “â” (erguer-se) + “caba” (vespa) = “vespa que se eleva como bola”

Interpretada de diversas formas na América do Sul, como:



Almas penadas
purgando seus pecados



Chegada de uma
carta ou de visitas



Parte de ritual para
atrair a amada



Anúncio de
sorte e fortuna

ANIMAIS, ARQUÉTIPOS E MITOLOGIA EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA: LEITURA SIMBÓLICA DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Higor Tomaz Teixeira de Castro

Fiocruz

higor.bio.unirio@gmail.com

Palavras-chave: psicologia analítica; simbolismo animal; zoologia cultural.

O presente trabalho analisa as representações simbólicas dos animais no jogo **Assassin's Creed Valhalla**, destacando sua relevância para a zoologia cultural e para a compreensão dos arquétipos junguianos que emergem na cultura digital. Os animais são interpretados como mediadores entre o humano e o sagrado, expressando uma dimensão simbólica que combina tradição nórdica, mitologia e psicologia profunda. A metodologia baseou-se na observação direta de gameplay e na análise imagética e simbólica de personagens e criaturas. Foram considerados dois eixos: (1) animais funcionais, como o corvo (Passeriformes: Corvidae) Synin e o cavalo (Perissodactyla: Equidae), e (2) animais míticos, como lobos (Carnivora: Canidae), ursos (Carnivora: Ursidae) e cervídeos. Os resultados indicam que o jogo apresenta uma narrativa estruturada por arquétipos universais: o corvo expressa aquele do "velho sábio", associado à visão e à intuição; o cavalo manifesta o arquétipo da travessia, ligado à jornada do herói; o lobo simboliza a sombra, revelando instintos e pulsões reprimidas; e o cervo reflete o arquétipo da renovação, vinculado ao renascimento e à espiritualidade. Essas figuras animais, integradas à jogabilidade, evocam processos de individuação, permitindo que o jogador vivencie simbolicamente os conflitos e integrações do inconsciente descritos por Jung. Conclui-se que o jogo digital, além de entretenimento, constitui um espaço simbólico de projeção psíquica, no qual a zoologia, o mito e a psicologia convergem, promovendo possíveis reflexões sobre a relação entre natureza, cultura e autoconhecimento.

<https://youtu.be/LpuEXOTb8xA?si=9CEOkX6mSc7YXpWQ>

ANIMAIS, ARQUÉTIPOS E MITOLOGIA EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA: UMA LEITURA SIMBÓLICA E PSICOLÓGICA DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NA NARRATIVA DOS JOGOS DIGITAIS

HIGOR TOMAZ TEIXEIRA DE CASTRO (FUNDAÇÃO CECIERJ | MUSEU CIÊNCIA E VIDA | FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ | INSTITUTO OSWALDO CRUZ)

ESTE ESTUDO ANALISA AS REPRESENTAÇÕES ANIMAIS EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA POR MEIO DE UMA ABORDAGEM QUALITATIVA BASEADA NA HERMENÊUTICA SIMBÓLICA, ARTICULANDO A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG, A MITOLOGIA NÓRDICA E OS ESTUDOS SOBRE JOGOS DIGITAIS (JUNG, 1959; FREEDMAN, 2018; FORD, 2022). O JOGO É COMPREENDIDO COMO UM SISTEMA LUDOMITOLÓGICO, NO QUAL A EXPERIÊNCIA INTERATIVA REALIZA ARQUÉTIPOS ANCESTRAIS POR MEIO DE IMAGENS, NARRATIVAS E MECÂNICAS (FORD, 2022; DANIELS ET AL., 2021).

O CORPUS FOI CONSTITUÍDO POR SESSÕES DE GAMEPLAY E MATERIAIS OFICIAIS, TRATADOS COMO DOCUMENTOS CULTURAIS. A PARTIR DA HERMENÊUTICA SIMBÓLICA, OS ANIMAIS RECORRENTES FORAM IDENTIFICADOS, INTERPRETADOS E ORGANIZADOS NA TABELA CENTRAL DO PÔSTER, QUE SINTETIZA SUAS FUNÇÕES NARRATIVAS E SEUS EIXOS SIMBÓLICO-ARQUÉTÍPICOS, FUNCIONANDO COMO MATRIZ ANALÍTICA DO ESTUDO (JUNG, 1959; CARMINATI ET AL., 2013).

A DISCUSSÃO COLOCA QUE OS ANIMAIS NÃO ATUAM COMO ELEMENTOS MERAMENTE ESTÉTICOS, MAS COMO DISPOSITIVOS SIMBÓLICOS CENTRAIS. O CORVO REPRESENTA A AMPLIAÇÃO DA PERCEÇÃO; O CAVALO SIMBOLIZA A ENERGIAS PSÍQUICA E A TRAVESSIA; O LOBO E O URSO EXPRESSAM FORÇAS INSTINTIVAS LIGADAS À SOMBRA E AO ARQUÉTIPO DO GUERREIRO; CERVO E ALCEZ REMETEM A RENOVAÇÃO; E OS ANIMAIS LENDÁRIOS FUNCIONAM COMO RITOS DE PASSAGEM (JUNG, 1933; SIMKEK 2007; WOLFF, 2022).

ESSES RESULTADOS EVIDENCIAM A PROFUNDIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NOS JOGOS DIGITAIS, CONSTRUÍDA A PARTIR DE UM ELEVADO NÍVEL DE HISTORICIDADE E DE REFLEXÃO NARRATIVA, QUE SUGERE UMA CUIDADOSA CLIBADOSA POR PARTE DA EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO, TAL ARTICULAÇÃO ENTRE PESQUISA HISTÓRICA, MITOLOGIA E DESIGN INTERATIVO REFORÇA O POTENCIAL DOS JOGOS DIGITAIS COMO ESPAÇOS COMPLEXOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO E ELABORAÇÃO SIMBÓLICA (FREEDMAN, 2018; FORD, 2022).

TABELA: ANIMAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES E ANÁLISES.

Animal	Categoria no jogo	Função narrativa e lúdica	Eixo simbólico-arquétípico	Relevância metodológica
Corvo (Synin)	Animal funcional	Exploração do mapa, ampliação da percepção	Guia, mensageiro, consciência reflexiva	Análise do arquétipo do guia e da percepção simbólica
Cavalo	Animal funcional	Deslocamento e travessia do mundo	Libido, transição entre mundos, domínio instintivo	Relação entre movimento, energia psíquica e individuação
Lobo	Animal funcional e lendário	Adversário, símbolo narrativo	Sombra, instinto agressivo, trauma	Confronto com conteúdos inconscientes reprimidos
Urso	Animal funcional e lendário	Adversário e prova de poder	Força primordial, aspecto do guerreiro	Análise da agressividade e da construção simbólica
Alce / Cervo	Animal funcional	Caça, ambientação ritual	Renovação, sacralidade da natureza	Relação entre cotidiano e simbolismo arcaico
Steinnbjorn	Animal lendário	Chefe mítico em Jotunheim	Conteúdos psíquicos cristalizados	Confronto com resistência simbólica extrema
Urso das Águas Azuis	Animal lendário	Prova narrativa excepcional	Limiar, rito de passagem	Ritualização do combate e prova arcaica
Necrófagos	Criaturas míticas	Adversários coletivos	Sombra coletiva, morte simbólica	Expressão do inconsciente coletivo ameaçador

FIGURA 1. CAVALO EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA

FIGURA 2. CORVO (SYNIN) EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA

FIGURA 3. BATALHA CONTRA FENRIR (LOBO)

FIGURA 4. BATALHA CONTRA STEINBJORN (URSO)

FIGURA 5. ALCE/CERVO EM ASSASSIN'S CREED VALHALLA

FIGURA 6. BATALHA CONTRA URSO DAS ÁGUAS AZUIS

CARMINATI, CECILIANA GALLI ET AL. AN HYPOTHESIS ABOUT JUNG'S COLLECTIVE UNCONSCIOUS AND ANIMAL-ASSISTED THERAPY. NEUROPSYCHOLOGY, V. 34, N. 1, P. 1-12, 2021.

DANIELS, BOWEN ET AL. ASSASSIN, GODS, AND ANIMALS: HOW NARRATIVES AND GAME MECHANICS SHAPE ETHNOCENTRIC GAME EXPERIENCES. MEDIA AND COMMUNICATIONS, 12, P. 49-61, 2021.

FORD, DOM. MITTELKULTURELLES UNTERSTÄNDIGES GAMES AS THROUGH HYPER. 2022. THEO (DOCUMENTO EM DESIGN DIGITAL). (F) UNIVERSITY OF COPENHAGEN, COPENHAGEN, 2022.

FREEDMAN, JAC. TRANSFORMING STORYTELLING AND GAMES. NEW YORK: MIT PRESS, 2018.

JUNG, CARL GUSTAV. MODERN MAN IN SEARCH OF A SOUL. NEW YORK: HARVARD, SINCE 1909, 1963.

JUNG, CARL GUSTAV. THE ARCHETYPES AND THE COLLECTIVE UNCONSCIOUS. PRINCETON: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 1964.

SMITH, WICKEL. DICTIONARY OF NORTHERN MITTUNGLAND. CAMBRIDGE, U. K.: BRITISH, 2001.

WOLFF, CHARLES L. THE WOLF IN THE YOUNG MAN: ETHNOGRAPHY FROM NORTHERN WOLFE ARCHETYPES IN GERMANIC MYTH. FROM DREAMS, 2005. PREPRINT 10/2005/101. EM: PUBLISHED ONLINE.

PARQUE NATURAL MUNICIPAL DOS PÁSSAROS E O SEU POTENCIAL NA ZOOLOGIA CULTURAL

Tiago Roberto Guimarães Botelho

SEMEDE - Prefeitura Municipal de Rio das Ostras

tiagobotelho3@gmail.com

Palavras-chave: aves; educação ambiental; unidade de conservação.

Unidade de conservação de proteção integral no município de Rio das Ostras, o Parque Natural Municipal dos Pássaros (PNMP) tem pouco mais de 8 hectares e está localizado em região estratégica densamente urbanizada e antropizada. Apesar desses aspectos, o parque possui expressiva biodiversidade, trilhas ecológicas, pontos de observação da fauna como a Área de Observação do lagarto-teiú (família Teiidae, espécie *Salvator merianae*), um salão de exposições artístico-culturais para incentivar os artistas locais, azulejos com imagens de aves brasileiras, painéis artísticos pintados nas paredes retratando a avifauna brasileira, publicações sobre a unidade de conservação e a cultura local, propostas para centros de estudos de flora e de fauna, projeto de um Núcleo de Educação Ambiental, além de um dos maiores viveiros da América Latina que outrora abrigou espécies ornitológicas ameaçadas de extinção, dentre elas pixoxó (família Emberizidae, espécie *Sporophila frontalis*), bicudo (família Thraupidae, espécie *Sporophila maximiliani*), jacutinga (família Cracidae, espécie *Aburria jacutinga*) e tantas outras, conforme atesta o livro *As Aves do Viveiro de Rio das Ostras*. Francisco José Figueiredo Coelho afirma ser o PNMP um espaço não formal bem-sucedido na educação ambiental com atividades socioambientais sensibilizadoras. Portanto, tais fatores atestam os potenciais social, científico e didático do PNMP, inclusive no campo da zoologia cultural.

Agradecimentos: Comunidade/funcionários da Escola Municipal Ernestina Jorge Pereira, trabalhadores do Parque Natural Municipal dos Pássaros (PNMP).

<https://youtu.be/MCOIIZlv84E?si=qLc-V1-bsvUGdoUa>



PARQUE NATURAL MUNICIPAL DOS PÁSSAROS E O SEU POTENCIAL NA ZOOLOGIA CULTURAL

Tiago Roberto Guimarães Botelho

Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer (SEMEDE), Prefeitura Municipal de Rio das Ostras (PMRO)
tiagobotelho3@gmail.com



Unidade de conservação de proteção integral no município de Rio das Ostras, o Parque Natural Municipal dos Pássaros (PNMP) tem pouco mais de 8 hectares e está localizado em região estratégica densamente urbanizada e antropizada. Apesar desses aspectos, o parque possui expressiva biodiversidade, trilhas ecológicas, pontos de observação da fauna como a Área de Observação do lagarto-teiú (família Teiidae, espécie *Salvator merianae*), um salão de exposições artístico-culturais para incentivar os artistas locais, azulejos com imagens de aves brasileiras, painéis artísticos pintados nas paredes retratando a avifauna brasileira, publicações sobre a unidade de conservação e a cultura local, propostas para centros de estudos de flora e de fauna, projeto de um Núcleo de Educação Ambiental, além de um dos maiores viveiros da América Latina que outrora abrigou espécies ornitológicas ameaçadas de extinção, dentre elas pixoxó (família Emberizidae, espécie *Sporophila frontalis*), bicudo (família Thraupidae, espécie *Sporophila maximiliani*), jacutinga (família Cracidae, espécie *Aburria jacutinga*) e tantas outras, conforme atesta o livro *As Aves do Viveiro de Rio das Ostras*. Francisco José Figueiredo Coelho afirma ser o PNMP um espaço não formal bem-sucedido na educação ambiental com atividades socioambientais sensibilizadoras. Portanto, tais fatores atestam os potenciais social, científico e didático do PNMP, inclusive no campo da Zoologia Cultural. Palavras-chave: unidade de conservação, aves, educação ambiental.

Agradecimentos: Comunidade/funcionários da Escola Municipal Ernestina Jorge Pereira, trabalhadores do Parque Natural Municipal dos Pássaros (PNMP).



O Pixoxó (família Thraupidae, espécie *Sporophila frontalis*), um exemplo de ave outrora presente no viveiro do PNMP. Fonte: Ciro Albano, Camacan, Bahia, 05/10/2009. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/midias.php?m=f&tmatopaco> momentaneamente associado ao canto da =s&s=11651.

Entrada da sede do PNMP contendo no chão azulejos com imagens de aves (esquerda) e parte do seu muro com a pintura de uma ave (direita). Fonte: fotografias do Autor.



Das trilhas ecológicas do parque: uma mostrando o ponto inicial de afloramento do lençol freático e a outra indicando a área de observação do lagarto-teiú. Fonte: fotografia do Autor.



Cartaz indicativo da exposição "Uma Viagem pela Memória Artística de Rio das Ostras", contendo algumas das pinturas que perfazem a riqueza artístico-cultural de Rio das Ostras e também já passaram pela Casa de Cultura Bento Costa Júnior, compõem o Acervo Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC). Fonte: foto do Autor.



Uma das estantes do Centro de Visitação do PNMP que contém publicações sobre a região, dentre: 1 Antologia Poética de Rio das Ostras (coleção com poemas de diversos autores), Hugo Paulo – Um Artista em Rio das Ostras, *As Aves do Viveiro de Rio das Ostras*, *Jubarte em Rio das Ostras*, *Bem-vindo a Rio das Ostras* e tantas outras. Fonte: foto do Autor.



Publicação de boas-vindas do PNMP mostrando estruturas existentes, tipo o Centro de Visitantes, as Trilhas Ecológicas e o Viveiro de Aves, bem como os projetos a serem desenvolvidos, dentre a Biblioteca/Videoteca, o Centro de Estudos da Fauna, o Centro de Estudos da Flora/Herbário e o Núcleo de Educação Ambiental. Fonte: fotos elaboradas e adaptadas pelo Autor.

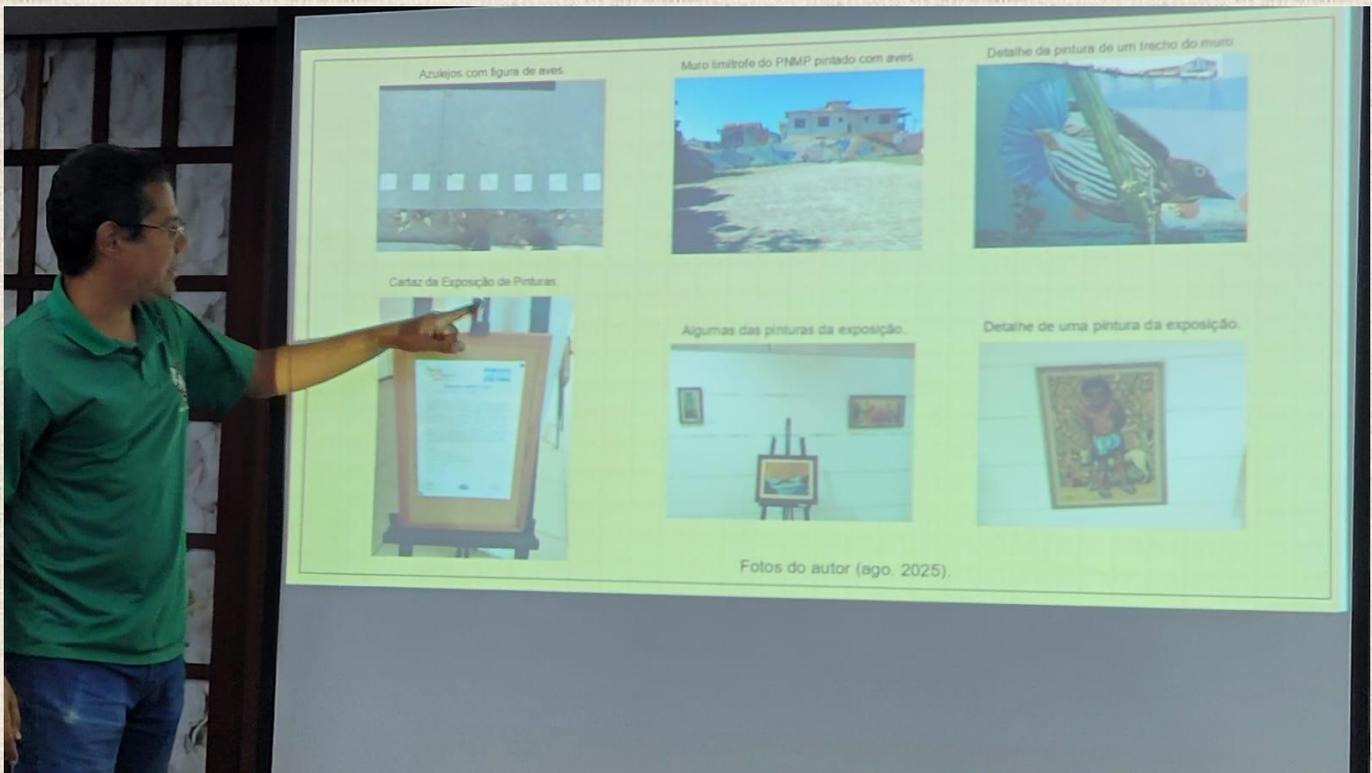
PARQUE NATURAL MUNICIPAL DOS PÁSSAROS E O SEU POTENCIAL NA ZOOLOGIA CULTURAL

Tiago Roberto Guimarães Botelho

SEMEDE - Prefeitura Municipal de Rio das Ostras

tiagobotelho3@gmail.com

(Trabalho apresentado presencialmente, em 20 de dezembro de 2025.)



O SOM DA NATUREZA: EXPLORANDO O SIGNIFICADO DOS ANIMAIS NAS MÚSICAS DO BTS

Emily Avelino Vieira^{1*} & Elaine Batista Machado^{1,2}

1. Universidade Estácio de Sá; 2. UFRJ

*emilyvieira585@gmail.com

Palavras-chaves: emoções humanas; K-Pop; simbolismo animal.

O grupo sul-coreano BTS, também conhecido como Bangtan Boys, conquistou fama mundial e explora, em suas produções, sentimentos intensos por meio de imagens simbólicas, incluindo referências a animais. Este estudo analisa como o BTS utiliza tais símbolos para expressar emoções humanas complexas, com base na zoologia cultural, que investiga representações de animais em contextos socioculturais. O álbum **The Most Beautiful Moment in Life Part 2** (2015) apresenta faixas que abordam solidão e transformação por meio desse simbolismo, destacando-se **Whalien 52** e **Butterfly**. Em **Whalien 52**, a baleia simboliza o isolamento, inspirada na Baleia 52 Hertz, registrada em 1989 no norte do Oceano Pacífico e conhecida por emitir sons entre 50 e 52 Hz, diferente das baleias-azuis (*Balaenoptera musculus* - Balaenopteridae) e baleias-comuns (*Balaenoptera physalus*), que vocalizam entre 15 e 25 Hz. Essa diferença dificulta sua comunicação, tornando-a metáfora de solidão. Já em **Butterfly**, a borboleta representa delicadeza, transformação e efemeridade, podendo ser associada à borboleta-azul (*Morpho menelaus* - Nymphalidae) e tantas outras espécies, reconhecidas por sua beleza frágil. A metamorfose simboliza mudanças, renovação e vulnerabilidade, reforçando o medo da perda e a sensibilidade das relações humanas. Dessa forma, o BTS utiliza o simbolismo animal para expressar temas existenciais de modo emocional e poético.

https://youtu.be/37zOel0Zpoc?si=gV_j2MFF5X31iFny

O SOM DA NATUREZA: EXPLORANDO O SIGNIFICADO DOS ANIMAIS NAS MÚSICAS DO BTS

Emily Avelino Vieira¹ & Elaine Batista Machado^{1,2}

¹Universidade Estácio de Sá (UNESA)

²Laboratório de Sistemática e Tafonomia de Vertebrados Fósseis (LAPUG) Museu Nacional/ UFRJ



O grupo sul-coreano BTS, conhecido por abordar temas emocionais e existenciais em suas composições, apresenta em músicas como “Whalien 52” e “Butterfly” representações simbólicas de animais que permitem uma leitura sob o olhar da Zoologia Cultural.

Em “Whalien 52”, o BTS se inspira na baleia 52 Hz – conhecida por não conseguir se comunicar com outras baleias – para criar uma metáfora visual e musical da solidão e do sentimento de não ser ouvido, transformando dados bioacústicos em narrativa simbólica na cultura pop.

Em “Butterfly”, o BTS utiliza imagens de borboletas inspiradas em Lepidoptera, especialmente do gênero *Morpho*, para simbolizar leveza, transformação e a impermanência das memórias, articulando referências biológicas e culturais na estética visual da canção.



Integrantes do BTS



Morpho menelaus ssp. *eberti*. Fotografia de Stefany Orhana, registrada em maio de 2023, Bahia, Brasil (Google, OSM).



FULL ALBUM] BTS - The Most Beautiful Moment in Life Pt. 2



Cena do vídeo “We Are Bulletproof: The Eternal” (BTS, 2020).



Baleia azul nadando no oceano. Crédito NOAA Fisheries

Em ambas as canções, “Whalien 52” e “Butterfly”, o BTS conecta elementos biológicos reais a temas universais de solidão, transformação e impermanência. Ao transformar dados científicos em metáforas visuais e musicais, o grupo cria uma narrativa profunda que ressoa com os fãs, explorando emoções humanas complexas por meio da arte e da simbologia.

“BICHINHOS PANTANEIROS”: UMA ATIVIDADE COM ACESSIBILIDADE

Júlia Mayer de Araujo

Museu do Amanhã

juliamayera@gmail.com

Palavras-chave: divulgação científica; educação museal; Museu do Amanhã.

O Pantanal, a maior planície inundável do mundo, é um bioma que tem sido impactado diretamente por queimadas. Nesse sentido, foi criada a exposição **Água, Pantanal, Fogo**, onde o curador Eder Chiodetto convidou os fotógrafos Lalo de Almeida, com fotos sobre os impactos do fogo, e Luciano Candisani, com fotografias das relações da água. Essa exposição está desde julho de 2025 até fevereiro de 2026 no Museu do Amanhã e, nesse sentido, foi realizada a imersão “Bichinhos Pantaneiros”, uma atividade proposta pelo Programa de Educação do museu. A imersão consistiu em contar curiosidades sobre três animais que vivem no Pantanal: a ariranha (*Pteronura brasiliensis* – Carnívora: Mustelidae), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* – Rodentia: Caviidae) e a onça-pintada (*Panthera onca* – Carnívora: Felidae), com o diferencial de os vídeos contando as suas histórias terem Libras (Língua Brasileira de Sinais), audiodescrição, legendas e linguagem simples, tendo sido expostos em tablets e televisão. Além disso, junto do momento da exploração dos vídeos, havia também animais de pelúcia para tocar e materiais impressos com escrita braile, comunicação alternativa e aumentativa, contraste e leitura ampliada. A atividade foi realizada em setembro de 2025, como parte da Primavera de Museus, e os públicos participantes foram escolar e universitário; foi conversado sobre a exposição, animais do Pantanal e diversas formas de aprendizagem. A atividade obteve resultados positivos, com interesse dos públicos em conhecer mais sobre os animais a partir das diversas formas de apresentação do conteúdo; também foi percebido interesse em se conhecer mais sobre formas de acessibilidade através do conteúdo com esses animais.

https://youtu.be/R2yJnkwO4zQ?si=w30_LfdHDLKt_tJz

“BICHINHOS PANTANEIROS”: UMA ATIVIDADE COM ACESSIBILIDADE

Júlia Mayer de Araujo

Museu do Amanhã

juliamayera@gmail.com



Acima, cenas do vídeo produzido para a atividade do Programa de Educação do Museu do Amanhã, representando a história de uma ariranha, uma capivara e uma onça pintada com Libras, legendas e audiodescrição. À direita, pelúcias dos animais com textos em linguagem simples, comunicação alternativa e braille e uma criança interagindo com a atividade.

A BIOMIMÉTICA EM AS LOUCAS AVENTURAS DE JAMES WEST

André Neri Tomiate

Unesp

andretomiate.ant@gmail.com

Palavras-chaves: aracnídeos; audiovisual; parasitoidismo.

A biomimética consiste em uma área de estudo transdisciplinar que se dedica à emulação consciente de estratégias biológicas e de padrões da natureza para a concepção e resolução de problemas de design e engenharia. No filme de comédia **As Loucas Aventuras de James West** (1999), dirigido por Barry Sonnenfeld, o enredo consiste na convocação de um herói de guerra e um inventor para combater uma invasão que visa dominar os Estados Unidos da América. O objetivo do presente estudo consistiu em analisar a relação ecológica entre animais citados no filme, com ênfase na aplicação, ainda que involuntária, do conceito de biomimética na narrativa audiovisual. Para tal, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo, focando na intersecção entre biologia e as invenções tecnológicas. Diante de um contexto de maquinarias a vapor, o filme apresenta diversidade de invenções, e dentre as mais notáveis, destaca-se uma maquinaria semelhante a uma tarântula. Em busca de uma medida de enfrentamento a essa máquina, o protagonista busca inspiração na natureza. E visualiza uma tarântula ser atacada por uma vespa (Pompillidae), em episódio de parasitoidismo, em que a vespa, com seu veneno, paralisa a aranha e deposita seus ovos nela. Essa observação biológica gerou a ideia de uma estratégia de contra-ataque que replica essa função parasitária: com o objetivo de infiltrar-se e colocar os protagonistas no interior da maquinaria (analogia aos ovos da vespa) para desativá-la internamente. Portanto, concluímos que o filme, por meio da representação de uma interação ecológica, introduz ao público não especializado o conceito de biomimética, demonstrada pela transferência do princípio funcional da vespa para a solução de engenharia que neutraliza o maquinário semelhante a uma aranha.

<https://youtu.be/5UxvdxQ1kc0?si=Z7FicTkUIxSGg1Eh>

A Biomimética em "As Loucas Aventuras de James West"

André Neri Tomiate UNESP andretomiate.ant@gmail.com

Introdução

A biomimética é uma área de estudo transdisciplinar focada na emulação consciente de padrões e estratégias biológicas da natureza para resolver problemas de design e engenharia.

O filme "As Loucas Aventuras de James West" (1999), dirigido por Barry Sonnenfeld, apresenta um enredo em que um herói de guerra e um inventor são convocados para combater uma invasão que visa dominar os EUA.

Objetivo

Analisar a relação ecológica entre animais citados no filme, com ênfase na aplicação, ainda que involuntária, do conceito de biomimética na narrativa audiovisual.

Metodologia

Foi utilizada a análise de conteúdo, com foco na intersecção entre a biologia e as invenções tecnológicas apresentadas no filme.

Resultados

O filme, ambientado em um contexto de maquinarias a vapor, apresenta diversas invenções, destacando-se uma notável máquina de guerra semelhante a uma tarântula (Figura 1).

Em busca de um meio de enfrentar essa máquina, o protagonista busca inspiração na natureza. Ele visualiza uma tarântula sendo atacada por uma vespa (Pompillidae).

Relação Ecológica: Essa interação é um episódio de parasitoidismo, em que a vespa deposita seus ovos na aranha.

Solução de Engenharia (Biomimética): A observação gera uma ideia de imitar a vespa, ao colocar os protagonistas no interior da maquinaria (analogia aos ovos da vespa).

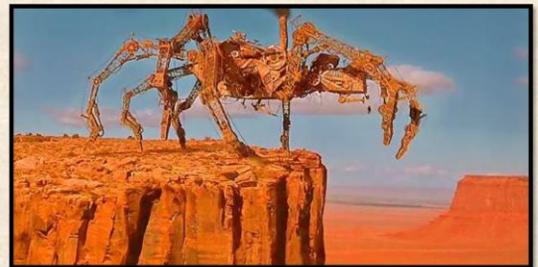


Figura 1. Maquinaria a vapor semelhante a uma tarântula no filme.

Fonte: Warner Bros. Pictures

Conclusões

O filme introduz o conceito de biomimética ao público não especializado. Isso é feito por meio da representação de uma interação ecológica e da transferência do princípio funcional da vespa (parasitoidismo/infiltração) para uma solução de engenharia que neutraliza o maquinário, semelhante a uma aranha.

O LADO VERDE DA FORÇA: A NECESSIDADE DE UM ECOSISTEMA DIVERSO EXPRESSA NA POLÍTICA DE STAR WARS

Ana Laura Guimarães Rabelo de Araújo* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio Max

*analaura.gbell0@gmail.com

Palavras-chaves: ecológico; equilíbrio; ficção científica.

O estudo da ecologia é muito abrangente, embora formalizado apenas nos últimos 100 anos por Ernst Haeckel, biólogo e naturalista alemão que a definiu como a ciência responsável por analisar as interações entre seres vivos e o ambiente em que vivem, além das práticas ecológicas. Sua amplitude permite que seja aplicada no estudo de sociedades “mais avançadas”, indo além dos conceitos de florestas, o que torna necessário buscar formas mais claras de representar tal abrangência. Com esse propósito, foi escolhido o universo de **Star Wars** para realizar uma análise ecológica, utilizando especificamente a primeira trilogia da saga (**Episódio IV: Uma Nova Esperança**, 1977; **Episódio V: O Império Contra-Ataca**, 1980; e **Episódio VI: O Retorno de Jedi**, 1983). Nesse período, o Império – organização vilanesca composta majoritariamente por humanos – encontra-se em seu auge, trazendo desordem e destruição aos planetas. Esse comportamento pode ser comparado ao desequilíbrio causado pela superpopulação de uma espécie em um ecossistema. A Resistência, sua nêmesis, em contrapartida apresenta diversidade, reunindo diferentes espécies que compartilham espaço e funções, inclusive humanos. É essa diversidade que permite restaurar o equilíbrio rompido pelo Império, reforçando a importância da biodiversidade para a estabilidade e a longevidade de qualquer ambiente. Assim, ao tomar a galáxia como um ecossistema, evidencia-se que o controle de uma única espécie impede o equilíbrio, enquanto a diversidade presente na Resistência o estabelece. Conclui-se, portanto, que a análise comparativa da trilogia foi proveitosa, uma vez que foi possível relacionar os conceitos de ecologia ao universo de Star Wars, destacando a necessidade de diversidade num ecossistema tanto quanto em meio político.

https://youtu.be/cL2nouCvGVQ?si=gaWz-TCl6V_8zjU

O LADO VERDE DA FORÇA: A NECESSIDADE DE UM ECOSISTEMA DIVERSO EXPRESSA NA POLÍTICA DE STARWARS

Ana Laura Guimarães Rabelo de Araújo* & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio MAX - Taubaté/SP
*analaura.gbell0@gmail.com



RESISTÊNCIA

A Resistência, também conhecida como Aliança Rebelde, é a força responsável por combater a dominação do Império na galáxia. Sua composição é diversa, contando com diferentes espécies ocupando cargos e espaços. Segundo a comparação estabelecida, a Resistência, uma vez diversa, viabiliza o equilíbrio na galáxia ao combater o Império, composto por uma única espécie e, justamente por isso, não viável ao equilíbrio.

Utilizando da primeira trilogia de filmes de **Star Wars** (“Episódio IV: Uma Nova Esperança”, 1977; “Episódio V: O Império Contra-Ataca”, 1980; e “Episódio VI: O Retorno de Jedi”, 1983), foi possível fazer uma alusão à ideia de **ecologia** ao compará-la com a ambientação política desses cenários.

A ecologia - ciência responsável por estudar a estrutura de ecossistemas - propõe que diversidade é essencial para o equilíbrio e longevidade de um ambiente. Se tomarmos a galáxia como um ecossistema, essa ideia reflete-se nas consequências da atuação do Império e da Resistência na mesma

A analogia foi feita ao comparar ambas as organizações, analisando seus contextos opostos para relacioná-los à ecologia, evidenciando que a diversidade preserva o equilíbrio enquanto a homogeneidade o ameaça.

IMPÉRIO GALÁTICO

O Império é a organização vilanesca que atua invadindo planetas, perturbando a galáxia. É composto majoritariamente por humanos, de acordo com a ideia de eugenia que seguiam. Sua composição, segundo a comparação, pode ser avaliada como uma super população - prejudicial ao equilíbrio, uma vez o inviabiliza por falta de diversidade.



Fonte - Fandom Star Wars Wiki



Fonte - Fandom Star Wars Wiki

STAR WARS RESISTÊNCIA. Disponível em: <https://starwars.fandom.com/pt/wiki/Resist%C3%Aancia>. Acesso em: 03 dez. 2025.
STAR WARS VILANOS. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Category:Star_Wars_vilains. Acesso em: 03 dez. 2025.
GARY INSTITUTE OF ECOSYSTEM STUDIES. (s.d.). Definição de Ecologia. Gary Institute Of Ecosystem Studies. Disponível em: <http://www.garyinstitute.org/news/insight/2-minute-science/definition-ecology>. Acesso em: 03 dez. 2025.

INSETOS EM CENA: PROTAGONISTAS VIVOS E COMUNICATIVOS

Liliana d'Avila*; Felipe Morais & Tânia Goldbach

IFRJ

*lilianadavila.pt@gmail.com

Palavras-chave: cultura; entomologia; vídeos.

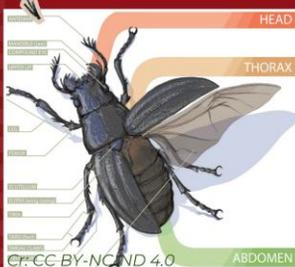
Buscar estratégias cativantes na educação e divulgação científica nos levou a criar insetos vivos e a elaborar materiais didáticos, como vídeos curtos, utilizando elementos da cultura pop, de forma a estimular a identificação do público com o assunto e ampliar a empatia por esses animais, que sofrem estigmas sociais. Quando se fala de cultura, existem diversas manifestações possíveis: músicas, desenhos, quadrinhos, etc. que estão presentes na vida humana desde o nascimento, formando gostos e peculiaridades. Daí a zoologia cultural contribui para além do conhecimento biológico, com aspectos simbólicos, sociais e emocionais atribuídos aos animais, transformando conteúdos em algo mais acessível, envolvente e dinâmico. É importante, então, acompanhar as tendências das mídias, como o formato de vídeos curtos, com informações rápidas e muitas figuras. O Espaço Ciência Viva (ECV) possui um desafio atual de montar um espaço de exposição e mediação para a interação do público com insetos vivos. No paralelo, investe na produção de vídeos curtos, considerados ponte eficaz entre ciência e público, pois permitem explorar referências da cultura pop de maneira direta, visual e afetiva. O primeiro – tendo o besouro-tenébrio (*Tenebrionidae*) como personagem principal – já foi elaborado e apresentado em evento acadêmico, postado na mídia institucional. Nele, os recursos explorados, e que entrarão nos próximos, são: formato de vídeo autorretrato (em alta no **TikTok**); menção a jogos famosos (como **Hollow Knight**); utilização de linguagem casual (gírias); criação de memes e utilização de músicas conhecidas. Com isso, foi possível desenvolver carisma ao personagem, já que ele se utiliza de elementos culturais para contar sua própria história. Vídeos curtos junto da mediação com bichos vivos estão sendo, então, uma aposta potente para divulgação dos insetos pelo ECV.

<https://youtu.be/W8lg6Wx9hj4?si=0Tw0pWMTyytmUJNd>

INSETOS EM CENA: PROTAGONISTAS VIVOS E COMUNICATIVOS



Liliana d'Avila¹, Felipe Morais¹ & Tânia Goldbach²
¹Graduandos C.Biologicas - IFRJ e Mediadores ECV
²Prof. Orientadora - Titular IFRJ e ECV
 lilianadavila.pt@gmail.com



Anatomia dos insetos



Importância ecológica

O ECV tem investido na produção de **vídeos curtos** que exploram **referências da cultura pop** de maneira **direta, visual e afetiva**, para compor as matérias do site e do canal institucional no **Youtube**.

www.cienciaviva.org.br e <https://www.youtube.com/c/Espa%C3%A7oCi%C3%A2nciaVivaECV>

Tenebrio Molitor,
inseto modelo
do ECV

Prints do vídeo autoral:
Tenébrio, o modelo dos artrópodes



Criação de **memes** em vídeos

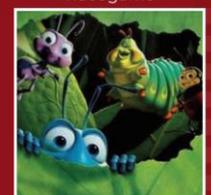


Explicação de ciclos de vida

Os insetos já são
inspiração em
diferentes mídias:



Hollow Knight, jogo de
videogame



Vida de Inseto, filme de
animação

ENTRE FADAS E INSETOS: A ZOOLOGIA NO MUNDO DE TINKER BELL

Liliana d'Avila* & Tânia Goldbach

IFRJ

*lilianadavila.pt@gmail.com

Palavras-chave: animação; entomologia; filmes.

O universo de **Tinker Bell**, da Disney, utiliza artrópodes como parte essencial da ambientação do mundo das fadas, criando interações que misturam fantasia e elementos inspirados na biologia real. Curiosamente, uma espécie microscópica de vespa tem o nome de *Tinkerbella nana* (Mymaridae), inspirado na personagem, mostrando a influência do imaginário popular na sociedade real. No filme intitulado **Tinker Bell: Uma Aventura no Mundo das Fadas**, a personagem duvida da importância do seu talento de fada, procurando um novo ao lado de suas amigas. Ao longo do filme, observa-se que as fadas pintam joaninhas para criar os padrões circulares que apresentam em suas asas, uma representação lúdica que dialoga com as características existentes na família Coccinellidae, embora na vida real esses padrões sejam produtos de processos evolutivos e não de intervenção externa. Também é apresentada a ideia de que a luz do sol “carrega” os vagalumes (família Lampyridae), funcionando como metáfora visual para aproximar o público infantil do fenômeno natural da luz produzida por insetos, mesmo se distanciando da verdadeira explicação da bioluminescência, que ocorre por reação química a partir do substrato luciferina e enzima luciferase. A presença das fadas velozes realizando polinização aproxima-se mais da biologia: essa associação entre velocidade, voo ágil e transporte de pólen remete ao papel ecológico real de abelhas (superfamília Apoidea) e outros polinizadores. Dessa forma, **Tinker Bell** apresenta artrópodes, principalmente insetos, de modo encantado e antropomorfizado, mesclando características reais com elementos imaginários para criar narrativas acessíveis e atrativas. Ao comparar fantasia e zoologia, é possível reconhecer como esses elementos podem ser usados pedagogicamente para desmistificar insetos, estimular curiosidade científica e aproximar crianças e jovens de conceitos de ecologia e entomologia.

https://youtu.be/NuUcaGVKspo?si=sX13bxTE_QKP2LWJ

Entre Fadas e Insetos: A Zoologia no Mundo de Tinker Bell



Liliana d'Avila¹ & Tânia Goldbach²
¹Graduanda C.Biologicas - IFRJ e Mediadora ECV; ²Prof Orientadora - Titular IFRJ e ECV
lilianadavila.pt@gmail.com



'Tinker Bell: Uma Aventura no Mundo das Fadas' possui ótimos exemplos da biologia inspirando a fantasia, e vice-versa.

Ao longo do filme vemos insetos em diversas situações divertidas, estejam eles presentes diretamente ou não:



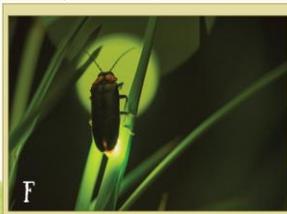
a) Capa oficial do DVD do filme. b) *Tinkerbella nana*, nomenclatura inspirada na personagem. Cr: Walt Disney Pictures; John T. Huber



c) Fadas colorindo joaninhas. d) Espécie real de joaninha, da família Coccinellidae. Cr: Walt Disney Pictures; paulfjs (Canva)



e) Raio de sol para carregar o brilho dos vagalumes. f) Vagalume real, da família Lampyridae. Cr: Walt Disney Pictures; ruiurito (Canva)



g) Fada veloz polinizando. h) Abelha da superfamília Apoidea polinizando. Cr: Walt Disney Pictures; Kevin Stewart Photography



POLIWRATH - UM POKÉMON NEOTÊNICO

Felipe Morais* & Liliana d'Avila

IFRJ

felipe.felipe.moraesdasilva@gmail.com

Palavras-chave: anfíbios; evolução; jogos eletrônicos.

Pokémon é uma franquia da Nintendo conhecida por suas licenças poéticas quanto à evolução darwiniana, adaptando-a com objetivos teleológicos, além de explorar o folclore e o místico. No entanto, algumas dessas criaturas fictícias funcionam como excelentes exemplos de adaptações de estilos de vida observados na vida real. Como exemplo, a linha evolutiva do Poliwhirl, o pequeno girino da primeira geração de Pokémon, baseado na ordem Anura, especialmente a família Centrolenidae, os sapos de vidro, cujos órgãos internos são visíveis em sua pele translúcida. Nesses jogos, a criatura mantém características larvais ao longo de suas três formas – Poliwig, Poliwhirl e Poliwrath –, apenas crescendo em tamanho e robustez. Tal característica é observada em diversas espécies de anfíbios metamórficos, a chamada neotenia, a retenção de características larvais em indivíduos adultos; essa adaptação é um dos principais fatores de especiação no filo Chordata. Mais intrigante, na segunda geração, Poliwhirl ganhou uma evolução final divergente à Poliwrath, o Politoed. Que, por sua vez, tem todas as características de um sapo somaticamente adulto. Isso implica que há um certo nível de pedomorfose facultativa nessa espécie de Pokémon. Essas diferenças adaptativas são presentes em diferentes regiões – Kanto e Johto respectivamente – o que leva a crer que há uma diferente disponibilidade de recursos nos dois ambientes, levando a espécie a reter ou não características larvais conforme for mais conveniente para seu desenvolvimento, sem perder capacidade reprodutiva. Chama atenção a ludicidade dessa interação na série **Pokémon**, com grande caráter pedagógico para exemplificar uma adaptação tão importante na evolução dos seres vivos.

<https://youtu.be/U5E2N9fIZw?si=cmZSvKRCXGZc0816>

The infographic poster features a blue sky background with white clouds. At the top left is the logo of the Instituto Federal do Rio de Janeiro. The title 'POLIWRATH UM POKÉMON NEOTÊNICO' is written in large, bold, yellow and blue letters. Below the title, the authors' names 'Felipe Morais e Liliana d'Avila' and their affiliations 'Graduando C.Biologicas - IFRJ e Mediador ECV' are listed. The poster is divided into several sections: 1. A circular diagram on the left shows the life cycle of a frog: egg, tadpole, and adult frog. 2. A central diagram shows the evolution of Poliwhirl: Poliwig (Water) evolves into Poliwhirl (Water), which then evolves into Poliwrath (Water, Fighting) and Politoed (Water). 3. On the right, a photograph of a glass frog (Centrolenidae) is shown, with the caption 'Espécie que inspirou o Pokémon'. 4. At the bottom right, a photograph of a tadpole with visible gills is shown, with the caption 'Exemplo de pedomorfose facultativa. Notem as brânquias!'. 5. A speech bubble from a character at the bottom center asks: 'Será que as condições ambientais de Kanto podem favorecer a pedomorfose facultativa de POLIWRATH? Politoed só surge em Johto!'. 6. At the bottom left, a map of the Kanto and Johto regions is shown on a Game Boy screen, with the caption 'Kanto e Johto - Regiões de Poliwrath e Politoed'. 7. Logos for 'Espaço CIÊNCIA VIVA' and 'CC BY-NC-ND 4.0' are also present.

AMEBAS TESTÁCEAS COMO AGENTES VALIDADORES DOS FRACTAIS

Victor Gustavo Mello Fernandes do Carmo*; Lorena Schaeffer de Melo; Isabela Longo Rangel;
Larissa Souza Monteiro; Viviane Bernardes & Christina Wyss Castelo Branco

Unirio

*gustavomello083@edu.unirio.br

Palavras-chave: autossimilaridade; geometria; tecameba.

A imagem de fractal é baseada no Princípio da Autossimilaridade, que segue a ideia de que o formato de algo se repete sucessivamente em escalas cada vez menores, ou seja, um todo que se assemelha a uma menor porção sua. Ao estudar as tecas das amebas testáceas, constituintes do protozooplâncton que apresentam uma carapaça secretada ou aglutinada, com formas que variam desde formatos de sol à espirais, é possível contemplar essa ideia. Com isso, o objetivo deste trabalho é comprovar a ideia de fractal com o formato das tecas das amebas testáceas. Para obtenção dos dados, foram comparadas a morfologia da teca de determinados gêneros de tecamebas com formatos de comum observação, como é o caso das amebas do gênero *Lesquereusia* (Lesquereusiidae), que possuem um padrão espiralar em sua teca, casando com a sequência de Fibonacci. Outro evento onde essa repetição de formatos acontece é no gênero *Cyclopyxis* (Netzeiliidae), em que as aberturas da teca se manifestam em diferentes padrões. Há também a família Hyalospheniidae, onde a organização dos sedimentos que constituem a carapaça se dá em aspecto quadriculado. Por sua vez, alguns indivíduos do gênero *Galeripora* (Arcellidae) apresentam espinhos dispostos em formato que remetem ao do sol. Portanto, pode-se concluir que a presença de fractais se comprova até na análise da morfologia desses protozoários.

<https://youtu.be/VWkKU-RwMMM?si=sONTvn0jweuiqMD8>

AMEBAS TESTÁCEAS COMO AGENTES VALIDADORES DOS FRACTAIS.

Victor Gustavo Mello Fernandes do Carmo¹; Larissa Souza Monteiro¹; Isabela Longo Rangel¹; Lorena Schaeffer de Melo¹; Viviane Bernardes dos Santos Miranda¹; Christina Wyss Castelo Branco¹.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
E-mail: gustavomello083@edu.unirio.br



Introdução

Um fractal é a ideia de que o formato de algo se repete sucessivamente em escalas cada vez menores, ou seja, um todo que se assemelha a uma menor porção sua, corroborando com a ideia de que os formatos se repetem na natureza, sem que haja uma relação de ocorrência.

As tecamebas, constituintes do protozooplâncton, apresentam carapaças de diferentes conformações, dependendo do clado. Ao observar os mais variados formatos das tecas, podemos associar a ideia de fractais.

Figura 1: Exemplo de como os padrões se repetem na natureza



Fonte: Science Photo Library/BBC.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é conseguir comprovar a ideia de fractais com a análise do formato das tecas das amebas testáceas, assim como compreender melhor esse fenômeno.

Metodologia

Para isso foram analisadas as conformações das carapaças de determinados gêneros desses protozoários e comparados com conformações de comum observação.

Resultados

Após o estudo dos formatos das tecas do gênero *Lesquereusia*, foi possível associar com a sequência de Fibonacci, graças ao padrão de espiral. Já na família Hyalospheniidae apresenta organização dos sedimentos que compõe a teca, em arranjos quadriculados, diferentemente das amebas do gênero *Galeripora* que são dotadas de espinhos dispostos em formato que remetem ao do sol. Por sua vez, os pertencentes do gênero *Cyclopyxis* possuem diferentes padrões de abertura do pseudostoma (orifício da teca por onde a ameba libera seus pseudópodes).

Figura 2 e 3: Amebas testáceas dos gêneros *Lesquereusia* e da família Hyalospheniidae, respectivamente.



Fonte: Arcella.NL

Conclusão

Portanto, pode-se concluir que a presença de fractais se comprova até na análise da morfologia destes protozoários.



Siga-nos nas redes sociais!

@Tecalajes

tecamebas.ribeiro@unesp.br

/Tecalajes



SETE ESCULTURAS ZOOMÓRFICAS EM COCAL DE TELHA, PIAUÍ, E SUAS POSSIBILIDADES DE USO PARA ENSINO DE ZOOLOGIA

Filipe Augusto Gonçalves de Melo

UESPI

filipe.melo@phb.uespi.br

Palavras-chave: arte popular; Caatinga; zoologia.

Zoologia cultural é o estudo da presença simbólica de animais nas mais distintas expressões da cultura. Dentre as possibilidades de encontrarmos essas manifestações, destacam-se as esculturas zoomórficas, objetos que possuem considerável valor histórico, cultural, científico e didático. O objetivo deste trabalho é descrever sete esculturas localizadas no município de Cocal de Telha, no estado do Piauí, e complementarmente apresentar seu potencial como uso para ensino de Zoologia. Cocal de Telha é passagem obrigatória para quem sai de Teresina e pretende chegar até Parnaíba. O município é atravessado pela BR-343 e em um dos lados da avenida estão localizadas sete esculturas em madeira entalhada, troncos e partes de árvores, pintadas, que representam animais e suas partes. As esculturas foram visitadas e fotografadas em 17 de outubro de 2025 para serem posteriormente descritas e analisadas. Como em muitas representações artísticas, há elementos de subjetividade, imprecisão e criatividade do autor, cujo nome não estava presente nas obras, o que pode chamar atenção do público e provocar reflexões. Entretanto, nesse contexto, é possível identificar dois peixes ósseos, dois tucanos, uma cobra, dois lagartos, um felino (?) e provavelmente uma cabeça gigante de inseto. A última representação possui três patas, uma cabeça e uma projeção que lembra uma tromba.

https://youtu.be/_OvV8UBvE4?si=q-MgKGYwnA4k0x4V

Sete esculturas zoomórficas em Cocal de Telha, Piauí, e suas possibilidades de uso para ensino de Zoologia

Filipe Augusto Gonçalves de Melo – UESPI – email: filipe.melo@phb.uespi.br



Zoologia cultural é o estudo da presença simbólica de animais nas mais distintas expressões da cultura. Dentre as possibilidades de encontrarmos essas manifestações, destacam-se as esculturas zoomórficas, objetos que possuem considerável valor histórico, cultural, científico e didático.

O objetivo deste trabalho é descrever sete esculturas localizadas no município de Cocal de Telha, no estado do Piauí, e complementarmente apresentar seu potencial como uso para ensino de Zoologia.

Cocal de Telha (Figura 1) é passagem obrigatória para quem sai de Teresina e pretende chegar até Parnaíba. O município é atravessado pela BR-343 e em um dos lados da avenida estão localizadas sete esculturas em madeira entalhada, troncos e partes de árvores, pintadas, que representam animais e suas partes (Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8).



Figura 2: Esculturas zoomórficas em Cocal de Telha, PI.



Visita e fotografia: 17 de outubro de 2025.

Figura 3: Peixe junto a Capela com imagem de Nossa Senhora.



Figura 4: Escultura de um animal com três patas e uma tromba



Figura 5: Quimera de Cocal de Telha.



Essa escultura faz alusão a Medusa, personagem da mitologia grega, ou a uma quimera, um organismo com partes de dois ou mais animais.

Figura 6. Inseto com antena enorme.



Figura 7: Tucano com peixe pendurado no bico.



Uma licença artística é utilizada pelo autor da escultura, pois Tucanos são onívoros que se alimentam predominantemente de frutos.



Valorizar arte popular através da Zoologia Cultural.

A PRESENÇA DE ANIMAIS EM LOGOS DE EVENTOS ACADÊMICOS

Raphael de Sant'Ana Lima
ECOIA
rsl.hapro@gmail.com

Palavras-chave: fauna; identidade visual; semana do biólogo.

A utilização de símbolos visuais envolvendo animais constitui prática recorrente em diferentes contextos cotidianos, ultrapassando a função meramente estética ao expressar valores culturais e científicos. Apesar da ampla presença dessas representações em materiais gráficos, são escassos os estudos que analisam critérios e significados envolvidos na escolha das espécies. No contexto acadêmico, tais representações podem contribuir para a construção de identidades, prioridades temáticas e valorização da biodiversidade. O objetivo do estudo foi analisar as espécies representadas nas logos oficiais da **Semana do Biólogo da Universidade Católica do Salvador (SEMABIO/UCSal)**, buscando interpretar elementos visuais e simbólicos. Trata-se de estudo qualitativo interpretativo, de caráter documental. Foram analisadas as logos da IIª e IVª SEMABIO (2023 e 2025, respectivamente), com identificação taxonômica das espécies representadas e levantamento de respectivos status de conservação segundo a Lista Vermelha da IUCN. As logos analisadas apresentaram nove espécies nativas do Brasil, distribuídas em diferentes estados e biomas – incluindo espécies endêmicas, ameaçadas de extinção, de menor risco e uma categorizada como “não avaliada”, evidenciando variedade biológica e simbólica. Na IIª SEMABIO (2023), foram representados bugio-ruivo (*Alouatta guariba* - Atelidae), baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae* - Balaenopteridae) e cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus* - Cervidae). Já na IVª SEMABIO (2025), observou-se maior diversidade, com a inclusão da onça-pintada (*Panthera onca* - Felidae), jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonarius* - Testudinidae), ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii* - Psittacidae), aranha-caranguejeira (*Pachistopelma bromelicola* - Theraphosidae), preguiça-comum (*Bradypus variegatus* - Bradypodidae) e arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* - Psittacidae). Ainda que sejam limitadas as investigações sobre o papel simbólico dessas escolhas, os resultados indicam que as representações zoológicas presentes nas logos podem ser compreendidas como elementos culturais relevantes, ampliando as discussões no campo da zoologia cultural ao articular identificação taxonômica, simbolismo e conservação da biodiversidade.

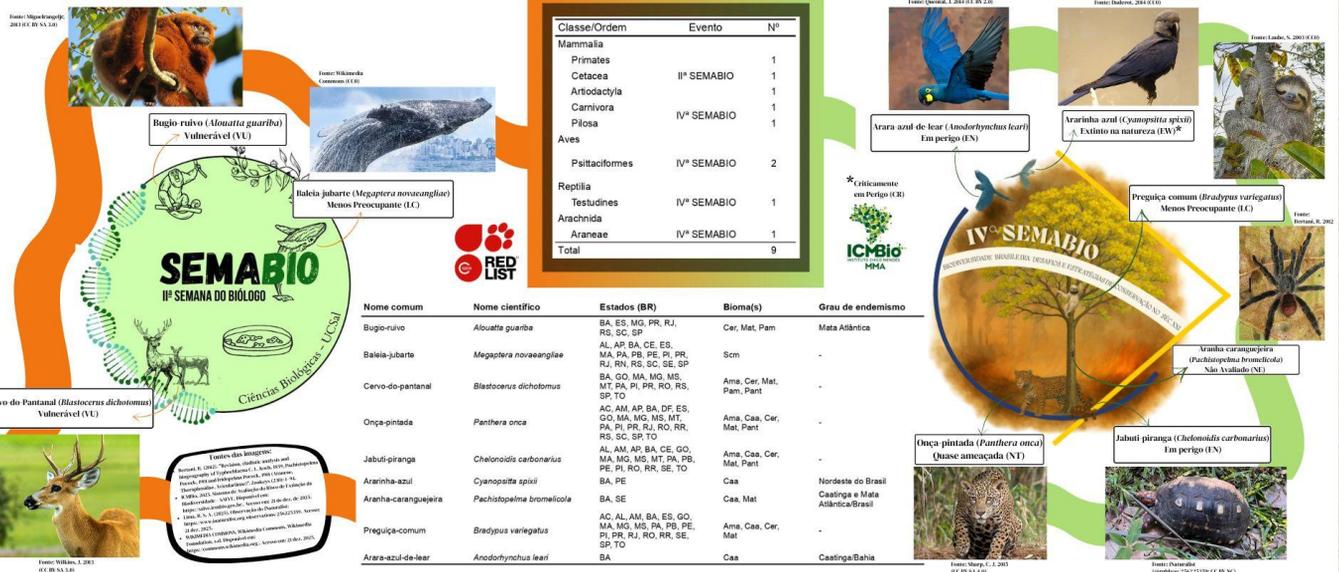
https://youtu.be/n-vwnixtvlg?si=iFJ_kvUC3z0QZxeb

A PRESENÇA DE ANIMAIS EM LOGOS DE EVENTOS ACADÊMICOS

Raphael de Sant'Ana Lima (ECOIA) - rsl.hapro@gmail.com



UCSAL
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO SALVADOR



A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: ANIMAIS E SIMBOLISMOS EM A TENTAÇÃO DE SANTO ANTÃO

Marcos André da Costa Machado

Unirio

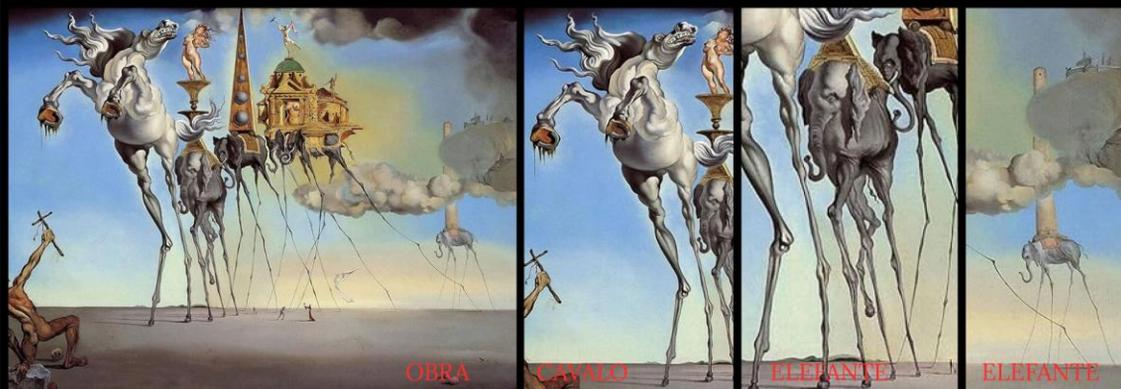
marcos.machado@edu.unirio.br

Palavras-chave: cavalo; elefante; surrealismo.

A Tentação de Santo Antão, de Salvador Dalí (1946), é das obras mais emblemáticas do surrealismo, apresentando composição marcada pela presença de animais em papel central na narrativa simbólica. A cena retrata Santo Antão ajoelhado no deserto, segurando uma cruz enquanto enfrenta visões tentadoras representadas por figuras fantásticas, construções monumentais e animais com proporções distorcidas, entre eles um cavalo branco e uma série de elefantes com pernas finíssimas sustentando estruturas palacianas. O cavalo, associado à força, impulso e desejo em tradições artísticas, surge como símbolo de ameaça e instabilidade. Sua anatomia exagerada, com postura agressiva e movimentos tensos, reforça a ideia de tentação que se aproxima de forma indomável. Já os elefantes, animais relacionados à memória, poder e estabilidade, aparecem com membros alongados e frágeis, criando contraste entre a imponência física típica da espécie e a sensação surreal de leveza e vulnerabilidade construída por Dalí. Sob a perspectiva zoológica, esse contraste torna-se ainda mais evidente. Elefantes (família Elephantidae) possuem membros robustos, estruturados como coluna vertical capaz de sustentar grande massa corporal, distribuindo o peso de maneira eficiente. Dalí subverte esse atributo ao representá-lo com pernas finas como estacas, desafiando leis básicas da biomecânica. O cavalo, por sua vez, tem musculatura e postura realistas distorcidas para acentuar tensão e dinamismo. Assim, a distorção zoológica deliberada dos animais contribui diretamente para o caráter simbólico da obra. Dalí utiliza aspectos reais da anatomia e do comportamento dessas espécies, mas os transforma para construir sensações de fragilidade, tentação e conflito espiritual. O quadro, portanto, oferece um campo fértil para refletir sobre como a arte pode reinterpretar elementos da biologia animal, integrando simbolismo cultural e conhecimento zoológico para expressar emoções humanas.

<https://youtu.be/MIPjJIKfrKo?si=fcAj8Gi0uCF2O4Yk>

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: ANIMAIS E SIMBOLISMOS EM “A TENTAÇÃO DE SANTO ANTÃO”



Marcos André da
Costa Machado
marcos.machado@edu.unirio.br



Título: Animais e simbolismos em “A Tentação de Santo Antão”.

A Tentação de Santo Antão – Salvador Dalí (1946)

Autor: Salvador Dalí

Ano: 1946

Técnica: Óleo sobre tela

Descrição da obra:

- Representa Santo Antão resistindo às tentações no deserto.
- Figuras surrealistas com animais de pernas longas e finas avançam em sua direção.
- Os animais carregam símbolos de luxúria, riqueza e poder.
- O santo segura um crucifixo para afastar as tentações.
- Cores suaves e espaço aberto reforçam a sensação de deserto e isolamento.
- A composição enfatiza a luta espiritual entre fé e desejo.

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: ANÁLISE DO ENCONTRO ENTRE ZOOLOGIA E ARTE NA OBRA O VEADO FERIDO

Anna Caroline Alves da Costa

Unirio

alvescaroline.2018@edu.unirio.br

Palavras-chave: cervídeo; Frida Kahlo; autorretrato; zoologia.

Em **O Veado Ferido**, de 1946, a artista mexicana Frida Kahlo vai além do autorretrato tradicional. Pintado a óleo, o quadro une identidade humana com o mundo animal de forma pessoal, representando sensações de Frida. A artista se representa com seu próprio rosto no corpo de um jovem veado-de-cauda-branca (*Odocoileus virginianus*), espécie nativa do México. Na obra, ele está em uma floresta, com corpo atravessado por flechas, uma representação para a dor física e emocional que marcou a vida de Frida. A escolha do veado é ponto central para uma análise zoológica. Membro da família Cervidae, o *O. virginianus* é um animal que simboliza um paradoxo: é ágil e encantador, mas também uma presa constante na natureza. Seus sentidos aguçados e comportamento arisco são suas principais formas de sobrevivência. A análise mostra que o veado possui comportamento antipredatório que alterna entre imobilidade e fuga repentina. Na obra, imobilidade e ferimentos do veado refletem a condição de Frida, revelando desamparo e impotência acerca do próprio destino, decorrente de seu relacionamento conturbado e um acidente. Além disso, a presença de galhadas (símbolo de força e combate que somente os machos possuem) em sua cabeça feminina demonstra uma apropriação expressando força e resiliência da artista e põe em pauta questionamentos sobre papéis de gênero. Ao se personificar nesse animal, a autora faz uma dualidade: é, ao mesmo tempo, criatura nobre e resistente que persiste, e alvo vulnerável, caçado incessantemente. Portanto, a obra é exemplo de como a zoologia pode servir de ferramenta para expressar sentimentos e construir identidade na arte, fazendo uso das características de um animal selvagem para representar uma experiência humana.

<https://youtu.be/Ink6CfloHaM?si=5kejWv9yINphtkW>

A ZOOLOGIA e a terceira arte



Fonte: Canva

Título: A zoologia e a terceira arte: análise do encontro entre zoologia e arte na obra "o veado ferido".

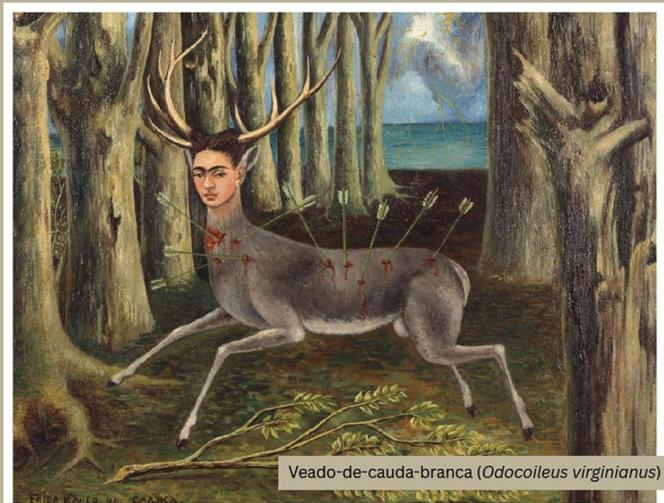
Autora: Anna Caroline Alves

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Contato: alvescaroline.2018@edu.unirio.br

ANÁLISE DO ENCONTRO ENTRE ZOOLOGIA E ARTE NA OBRA "O VEADO FERIDO"



Veado-de-cauda-branca (*Odocoileus virginianus*)

Fonte: [El venado herido \(O veado ferido ou O pequeno veado](#)

O Veado Ferido (1946), Frida Kahlo. Pintura a óleo representando o autorretrato cervídeo de Frida Kahlo.

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: A REPRESENTAÇÃO ZOOLÓGICA E ARTÍSTICA DA VIDA SELVAGEM EM WILD CAT, DE ROSA BONHEUR

Maria Clara Raffaelli Vilas

Unirio

mraffaelivilas@edu.unirio.br

Palavras-chave: arte do século XIX; *Lynx lynx*; pintura de animais.

Este trabalho analisa o quadro **Wild Cat**, da pintora Rosa Bonheur, que é simplesmente incrível. A tela é um retrato super realista de um felino selvagem, provavelmente um lince. O que eu quis explorar foi como a Rosa Bonheur não só pintou um bicho bonito, mas conseguiu capturar a essência selvagem dele. O foco da análise é na expressão e na postura do animal, que parece prestes a atacar. A técnica dela para pintar o pelo é impressionante! Ela ainda coloca o bicho contra um fundo escuro, que faz a gente focar totalmente nele. Para enriquecer a análise, fiz uma ligação com a zoologia, mostrando que os detalhes que ela pintou – como os tufinhos de pelo na orelha e a carinha cheia de pelos – são características reais do lince-euroasiático. A conclusão é que a obra da Bonheur é mais que uma pintura; é um verdadeiro estudo de comportamento animal, mostrando como a arte do século XIX dialogava com a observação científica.

<https://youtu.be/cvFIBdBCS-I?si=w4c8xKVvp0X8DdU2>

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: O QUE "WILD CAT" DE ROSA BONHEUR PODE NOS DIZER SOBRE OS BICHOS

POR MARIA CLARA RAFFAELI

- O felino selvagem é retratado em primeiro plano, o que pode simbolizar força, alerta e o espírito da natureza intocada.
- O animal está em uma postura tensionada, o que reforça o momento de caça ou defesa, assim como seus olhos fixos em um ponto além da tela.
- Visíveis no rosto do animal, os longos bigodes e barbas mantêm o rigor descritivo da obra.

WILD CAT



Foto por WikiArt, 2025.

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: O QUE O RADAR RAT DE BANKSY PODE NOS DIZER SOBRE OS BICHOS

Natan Leite

Unirio

natanmleite@edu.unirio.br

Palavras-chave: rato; simbolismo; arte urbana; zoonoses.

Do artista britânico Banksy, a obra **Radar Rat** (2004) é uma peça icônica da arte urbana contemporânea. Estencilada em paredes de Londres, a imagem retrata um rato antropomorfizado empunhando uma espécie de radar de bolso, como se estivesse lendo sinais ocultos entre no ambiente urbano. Em Banksy, a figura do rato aparece fortemente como símbolo de crítica social, pois ele frequentemente retrata o roedor como observador silencioso (ou no papel de observador), sobrevivente (das margens) e rebelde (desafiando a ordem estabelecida). O aparato tecnológico implica vigilância, resistência e capacidade de sujeitos marginalizados exporem o que a inspeção humana não capta. Banksy representa o rato mamífero de um ponto de vista ecológico, onde é principalmente um membro do gênero *Rattus*, notadamente *Rattus norvegicus* (rato-marrom, rato-da-noruega ou ratazana) e *Rattus rattus* (rato-preto). Graças à alta capacidade reprodutiva, inteligência e comportamento oportunista, essas espécies da família Muridae prosperam em habitats antropizados. Adaptados a viver ao lado dos humanos por séculos, ratos são vistos como modelos de resiliência ecológica e ocupação de nicho urbano. Devido ao status de risco à saúde, incluindo a transmissão de zoonoses como leptospirose, hantavírus e peste bubônica, isso lhes confere retratos culturais um tanto negativos. O uso desse animal por Banksy vai contra essa visão: um rato bastante desprivilegiado, mas representado como uma figura ativamente resistente e até heroica. A obra convida a conversas em sala de aula sobre ecologia urbana, a relação dos humanos com animais sinantrópicos e como a arte ajuda a definir espécies estigmatizadas. **Radar Rat** torna-se não apenas crítica social, mas uma oportunidade de participar de conversas zoológicas sobre adaptação, coabitação e simbolismo animal.

<https://youtu.be/o2ovDO8t27Y?si=3OEdX2coir0SNCvE>



A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: O QUE UMA COBRA PODE NOS DIZER SOBRE A DUALIDADE DA VIDA

Caynã Lucas Frederico Guimarães da Silva

Unirio

Caynafrederico@gmail.com

Palavras-chave: dualidade; ovo; urutu.

Em 2019, dentre as obras expostas na Galerie Percier, em Paris, uma mostrada pela primeira vez no local se destacava: **Urutu**, criada em 1928 pela artista Tarsila do Amaral, a obra mede 60 x 72 cm e usa a técnica de óleo sobre a tela. Na obra, Tarsila utiliza formas geométricas, cores e um desenho simples para representar uma cobra que dá o nome a tela, a urutu-cruzeiro (*Bothrops alternatus* - Viperidae), uma jararaca amplamente distribuída em regiões do Sul e Sudeste do Brasil. A representação da cobra não é unicamente zoológica: trata-se de um símbolo de potência e transformação, elementos que dialogam com a proposta de “devorar “ influências externas e recriá-las com identidade nacional. O animal encontra-se enrolado em um ovo e essa junção representa a dualidade da vida, o nascimento e a renovação sendo uma metáfora para a capacidade da arte de gerar novas ideias. Ao fundo, as cores chapadas como verdes, amarelos terrosos e tons rosados criam uma paisagem que remete aos ambientes rurais do Brasil, mas sem se prender no realismo. Assim como outras obras de Tarsila, **Urutu** convida a refletir sobre as relações entre os humanos e a fauna. Sobretudo pelo modo como a artista personaliza um animal nativo e o transforma em um ícone cultural, a obra pode ser usada para falar de simbolismos rurais, indígenas e animais.

https://youtu.be/_DWGQ-O5tm4?si=469yVa3-rKJ0gSXq

A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: O QUE UMA COBRA PODE NOS DIZER SOBRE A DUALIDADE DA VIDA



Ovo



Urutu

(*Bothrops alternatus*)



Paisagens Brasileiras

Título: Dualidade da vida, o nascimento e a renovação. (Obra “Urutu” – Tarsila do Amaral – 1928)

Artista: Tarsila do Amaral

Dimensões: 60 x 72 cm

Técnica: Óleo sobre a tela

Caynã Lucas Frederico Guimarães da Silva

caynasilva@edu.unirio.br



A ZOOLOGIA E A TERCEIRA ARTE: FORMIGAS E LEÕES – UMA HIERARQUIA DE SENTIMENTOS

Ana Beatriz de Castro Cordeiro

Unirio

anabccordeiro@edu.unirio.br

Palavras-chave: alegoria; Formicidae; *Panthera leo*.

A obra **As Acomodações do Desejo** foi criada por Salvador Dalí no ano de 1929, sendo um dos primeiros quadros do artista em meio ao movimento surrealista. A inspiração de Salvador Dalí para pintar o quadro foi, na verdade, a angústia e a ansiedade ao perceber que se sentia atraído por uma mulher mais velha e casada com um de seus colegas surrealistas. Ela era Gala, sua futura companheira. No quadro, podemos observar dois animais diferentes: um leão (*Panthera leo* – Carnivora: Felidae) e uma colônia de formigas (Hymenoptera: Formicidae). O leão não foi pintado por Salvador Dalí, ele fez uma colagem de uma revista infantil. O leão e suas partes representam a ansiedade. Já as formigas, representam decaimento, o declínio de si mesmo. Socialmente, vemos o leão como um “rei da selva” e as formigas como algo inferior no ecossistema. Também podemos analisar o leão como sendo algo grande e chamativo, algo que é impossível de se esconder, assim como a ansiedade. E as formigas, algo pequeno que vai de pouquinho em pouquinho pegando alimentos. Podemos associar isso com o gradual declínio de Dalí.

<https://youtu.be/btvcqksGREU?si=EYufhOiD3BGvynla>

A Zoologia e a terceira arte

Formigas e leões: uma hierarquia de sentimentos

Ana Beatriz Cordeiro anabccordeiro@edu.unirio.br



Leão: Ansiedade



Formigas: Declínio



“As acomodações do desejo” – Salvador Dalí

Resumos e capturas de tela da apresentação

ZOOLOGIA EM CARNAVAL DES ANIMAUX (CAMILLE SAINT-SÄENS, 1866)

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva² & Carlos de Melo Silva-Neto¹

1. UEG; 2. UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: etologia; fauna; música clássica; romantismo.

Le Carnaval des Animaux, composta em 1866, é uma suíte musical que evoca características comportamentais ou estereótipos dos animais. Camille Saint-Saëns compôs a peça durante uma visita ao zoológico, quando passava por uma crise de criatividade. Na primeira faixa, **Introduction et Marche royale du Lion**, as trompas e cordas representam o leão (Felidae) com imponência e grandiosidade. Em **Poules et Coqs**, os violinos e o piano representam os cacarejos/cantos de galinhas/galos (Phasianidae), refletindo sua agitação. Em **Hémiones (Animaux véloces)**, as escalas sugerem a velocidade dos hemíonos (Equidae). **Tortues** representa a lentidão das tartarugas (Testudines). Em **L'Éléphant**, tons graves contrastantes com agudos retratam o tamanho e o desajeito dos elefantes (Elephantidae). Em **Kangourous**, o mesmo contraste evoca os saltos dos cangurus (Macropodidae). **Aquarium** combina piano, flautas e cordas para criar um efeito etéreo e ondulante, retratando o mistério do ambiente aquático. **Personnages à longues oreilles** utiliza violinos para representar o relinchar dos asnos (Equidae). Em **Le coucou au fond des bois**, o clarinete é usado para representar o canto do cuco (Cuculidae) na floresta. Em **Volières**, os instrumentos remetem ao canto dos canários (Fringillidae). **Pianistes** retrata pianistas como animais, devido às suas práticas repetitivas e mecânicas. **Fossiles** utiliza xilofones para simbolizar o bater de ossos, além de citar canções populares, brincando com a ideia de “fósseis musicais”. **Le Cygne** remete à ternura dos cisnes (Anatidae) pelo violoncelo suave e pelo piano, sendo a única peça que o autor permitiu ser publicada em vida. O **Finale** reúne todos os animais, sendo consolidada pelo retorno breve aos movimentos anteriores. Dessa forma, Saint-Saëns celebra a diversidade animal e reforça o vínculo entre os humanos e a natureza.

<https://youtu.be/VuQSM0aXfsU?si=MhMEclIhJt2L2pdC>



Zoologia em “Carnaval des Animaux” (Camille Saint-Saëns, 1866)

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz da Silva²;
Carlos de Melo e Silva Neto¹

¹UEG, *matheuscarneiroh@gmail.com; ²UERJ.

ZOOLOGIA EM CARNAVAL DES ANIMAUX (CAMILLE SAINT-SAËNS, 1866)

Matheus Carneiro Heinzemann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva² & Carlos de Melo Silva-Neto¹

1. UEG; 2. UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Introduction et Marche royale du Lion

- Introdução e Marcha real do Leão;
- Trompas e cordas representam o leão com imponência e grandiosidade.

Musical score for "Marche Royale du Lion" by Camille Saint-Saëns. The score is in 2/4 time and includes a tempo marking of "Allegro con tempo". It features a key signature of one sharp (F#) and a common time signature of 1. The score is presented in a standard musical notation format with a treble and bass clef.



Panthera leo (Felidae)

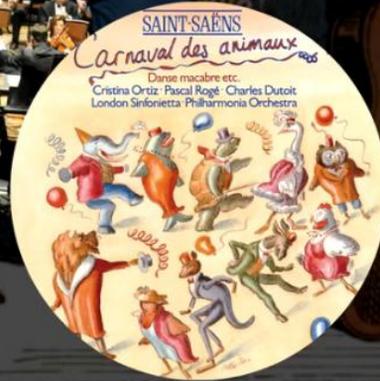


<https://youtu.be/VuQSM0aXfsU?si=MhMEclIhJt2L2pdC>

Finale

- Final;
- Reúne todos os animais, sendo consolidada pelo retorno breve aos movimentos anteriores.

Musical score for "Finale" by Camille Saint-Saëns. The score is in 2/4 time and includes a tempo marking of "Moderato". It features a key signature of one sharp (F#) and a common time signature of 1. The score is presented in a standard musical notation format with a treble and bass clef.



PROSAS DO BREJO PELA CONSERVAÇÃO DA ANUROFAUNA: ETNOZOOLOGIA NA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Iago Ferraz*; Victor Perrotta & Patrícia Alves Abrunhosa

UFRRJ

*iagoferrazbio@gmail.com

Palavras-chave: anuros; cultura; herpetologia.

A etnozooologia, além de oferecer maneiras lúdicas de educar através de contos, lendas, causos e costumes, possibilita diversas ferramentas científicas. Saberes culturais e populares, mesmo quando envoltos em interpretações espirituais e afetivas, podem associar-se a conhecimentos oriundos da observação e da experiência da natureza por pessoas e comunidades ancestrais. Embora os anuros carreguem estigmas culturais, diversos exemplos mostram a relevância de práticas e saberes tradicionais e os potenciais das narrativas folclóricas. A secreção de *Phyllomedusa bicolor* (Phyllomedusidae), kambô, já era conhecida por povos originários amazônicos, que atribuíram usos terapêutico-rituais e aprenderam características da espécie, assim como as toxinas dos dendrobatídeos (Dendrobatidae) e seus ambientes. Em abril de 2025, durante um levantamento de espécies em Vassouras (RJ), registramos *Leptodactylus labyrinthicus* (Leptodactylidae), até então sem ocorrência documentada nos municípios do Vale do Café. A emblemática rã-pimenta, no entanto, já era relatada por habitantes locais. Estudos sobre outra rã-pimenta (*Leptodactylus vastus*) mostraram o quanto a sabedoria popular pôde revelar acerca de seu comportamento. Nessa circunstância, objetivamos colecionar conhecimentos populares sobre anuros, investigando possíveis interpretações biológicas e aplicações práticas. Para obtenção de dados foi realizado levantamento bibliográfico e diálogo com pessoas. Apresentamos resultados em um evento acadêmico na UFRRJ, o que provocou discussões sobre a importância científica da etnozooologia no contexto da virada ontológica e seu potencial para conservação da biodiversidade. Esperamos aprofundar estudos, produzir e difundir uma coletânea abrangente sobre a riqueza de conhecimentos e práticas nascidos das observações naturalísticas ancestrais e populares que, além de resgatarmos imaginários, oferecem pistas aos pesquisadores e facilitam o diálogo desses com outras pessoas, diminuindo muros da academia e aproximando humanos dos outros animais.

<https://youtu.be/8tB9LDHoDXs?si=-t5k1mkBHri8avUp>



PROSAS DO BREJO PELA CONSERVAÇÃO DA ANUROFAUNA: ETNOZOOLOGIA NA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

A etnozooologia, além de oferecer maneiras lúdicas de educar por meio de contos, lendas, causos e costumes, possibilita diversas ferramentas científicas. Saberes culturais e populares, mesmo quando envoltos em interpretações espirituais e afetivas, podem associar-se a conhecimentos oriundos da observação e da experiência da natureza por pessoas e comunidades ancestrais. Embora os anuros carreguem estigmas culturais, diversos exemplos demonstram a relevância de práticas e saberes tradicionais, bem como o potencial das narrativas folclóricas. Objetivamos colecionar conhecimentos populares sobre anuros, investigando suas interpretações biológicas e aplicações práticas. Os resultados foram apresentados em eventos e mídias digitais, provocando discussões sobre a importância científica da etnozooologia no contexto da virada ontológica e seu potencial para a conservação da biodiversidade, resgate de imaginários e aproximação entre humanos e outros animais, pensando a zoologia para além da academia.

Iago Ferraz*; Victor Perrotta & Patrícia Alves Abrunhosa

Laboratório de Ecologia, Bioacústica e Comportamento de Anuros - UFRRJ

*iagoferrazbio@gmail.com

a. KAMBÔ
Phyllomedusa bicolor

b. PONTA-DE-FLECHA
Phyllobates terribilis

c. RÃ-PIMENTA
Leptodactylus labyrinthicus

A secreção do kambô (a) já era conhecida por povos originários que atribuíram usos terapêutico-rituais e aprenderam características da espécie, assim como as toxinas dos dendrobatídeos usados para envenenar armas (como b) e seus ambientes. Em 2025, durante um levantamento de espécies em Vassouras (RJ), registramos *Leptodactylus labyrinthicus* (c), até então sem ocorrência documentada no Vale do Café. A emblemática rã-pimenta, no entanto, já era relatada por habitantes locais.

Conheça nosso trabalho no Instagram: @etnozooologia

Referências Bibliográficas:

Animalia: Animismo e Etnozooologia



BIOGEOGRAFIA DAS CRIATURAS MITOLÓGICAS EQUINOMORFAS

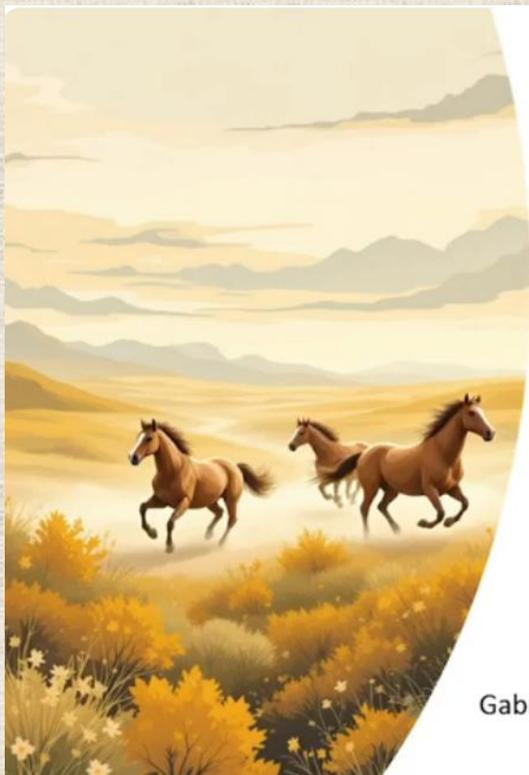
Gabriel Frajhof; Elton Rodrigues de Souza & Rodrigo Guerra Carvalheira*

Escola Liessin

*rodrigo.carvalheira@liessin.com.br

Palavras-chave: cavalo; Equidae; mitologia.

Criaturas mitológicas, seres sobrenaturais e lendários são elementos constantes em inúmeras culturas, frequentemente associados a morfologias animais, como o Centauro grego (metade homem, metade cavalo). O cavalo (*Equus ferus caballus*) simboliza força, liberdade e espiritualidade, acompanhando a humanidade por seis milênios, não apenas como força bruta ou transporte, mas também como fonte de inspiração para mitos. Pertencente à ordem Perissodactyla, a família Equidae surgiu na América do Norte há cerca de 55 milhões de anos. O gênero *Equus* surgiu na Região Neártica há aproximadamente 3,6 milhões de anos. O cavalo moderno foi domesticado a partir de populações selvagens da subespécie *Equus ferus ferus*, popularmente conhecida como tarpan, que habitavam originalmente as estepes da Eurásia, região que hoje abrange Ucrânia, Rússia e Cazaquistão. Todavia, o próprio Tarpan é posto em xeque por pesquisadores, que o classificam como população feral arcaica. O objetivo desta pesquisa foi identificar os seres mitológicos de morfologia equina e comparar sua origem geográfica com a distribuição original dos tarpans. Identificamos 33 criaturas mitológicas, com origem em três continentes: Europa (73%), Ásia (24%) e África (3%). Notavelmente, com exceção da criatura africana Abada (um cavalo com dois chifres curvos), todas as demais derivam diretamente de onde os tarpans (extintos no século XVII) habitavam. Isso sugere que criação e popularidade dessas criaturas mitológicas estão intimamente ligadas à longa convivência e ao processo de domesticação dos cavalos. Essa relação se manifesta inclusive em convergências culturais, onde criaturas semelhantes surgiram em diferentes regiões, como os cavalos alados Pégaso (grego) e Tulpar (turco), e os cavalos chifrudos Unicórnio (grego) e Karkadann (persa). Atualmente, apenas a subespécie da Mongólia (*Equus ferus przewalskii*) vive livremente nas estepes asiáticas, graças a um trabalho de reintrodução. https://youtu.be/f_zqywt84Ak?si=zaIDsfipCL4aD2EC



Biogeografia das Criaturas Mitológicas Equinomorfas

Uma jornada fascinante pela conexão entre cavalos
selvagens e a mitologia

Gabriel Frajhof, Elton Rodrigues de Souza & Rodrigo Guerra Carvalheira

BIOGEOGRAFIA DAS CRIATURAS MITOLÓGICAS EQUINOMORFAS

Gabriel Frajhof; Elton Rodrigues de Souza & Rodrigo Guerra Carvalheira*

Escola Liessin

*rodrigo.carvalheira@liessin.com.br

(Trabalho apresentado presencialmente, em 20 de dezembro de 2025.)



ORIGEM BIOGEOGRÁFICA DOS MASCOTES DOS TIMES BRASILEIROS

Arthur Vieira Martinho; Miguel Lopes Mandel; Elton Rodrigues de Souza & Rodrigo Guerra Carvalheira*

Escola Liessin

*rodrigo.carvalheira@liessin.com.br

Palavras-chave: biogeografia; educação ambiental; futebol.

O futebol é uma verdadeira paixão nacional. Clubes adotam mascotes que representam sua identidade, valores e engajamento. Visto que muitos são animais, surge a indagação: clubes brasileiros priorizam espécies nativas como mascotes? O objetivo deste trabalho foi levantar a origem biogeográfica dos animais mascotes dos 60 clubes dos campeonatos nacionais masculinos das Séries A, B e C. Revelou-se que os animais correspondem a 85% dos mascotes (incluindo *Homo sapiens*), totalizando 27 espécies. Mammalia (55,6%) e Aves (37,0%) foram as classes mais representativas, com as ordens Carnivora (25,9%), Artiodactyla (11,1%) e Passeriformes (11,1%) se destacando. As famílias Felidae (14,8%) e Canidae (11,1%) foram as que mais forneceram espécies, indicando o fascínio popular por esses predadores icônicos. Constatou-se que 55,6% das espécies são nativas. As demais distribuem-se na Eurásia (33,3%) e África (11,1%). As três espécies com maior prevalência foram *Homo sapiens* (23,5%), *Panthera leo* (11,8%) e *Panthera tigris* (7,8%). Fica claro que as espécies exóticas do Velho Mundo, leão e tigre, inspiram admiração, poder e força. Em contraste, os felídeos nativos são pouco representados, com *Panthera onca* (onça-pintada) e *Leopardus pardalis* (jagatirica) somando apenas 3,9% e 2,0%, respectivamente. Em conclusão, apesar de mais da metade das espécies utilizadas como mascotes serem nativas, as espécies mais representativas e prevalentes são exóticas. Isso sugere que o simbolismo de poder é frequentemente buscado em espécies como o leão e o tigre, mesmo que o Brasil possua correspondente taxonômico igualmente imponente no gênero *Panthera*. Portanto, recomenda-se o uso de espécies nativas, pois além de servirem como mascote, funcionaria também como ferramenta de educação ambiental, pois só se preserva o que se conhece.

https://youtu.be/zfy_YYVfYO8?si=KBCzCUktdLf6jn7N



Origem Biogeográfica dos Mascotes dos Times Brasileiros

Arthur Vieira Martinho, Miguel Lopes Mandel, Elton Rodrigues de Souza
& Rodrigo Guerra Carvalheira



ORIGEM BIOGEOGRÁFICA DOS MASCOTES DOS TIMES BRASILEIROS

Arthur Vieira Martinho; Miguel Lopes Mandel; Elton Rodrigues de Souza & Rodrigo Guerra Carvalheira*

Escola Liessin

*rodrigo.carvalheira@liessin.com.br

(Trabalho apresentado presencialmente, em 20 de dezembro de 2025.)



ALÉM DA GALÁXIA: UMA JORNADA INSPIRADA EM SUPER STARFISH PARA ENTENDER A DIVERSIDADE DA VIDA MARINHA

Emily Vitória Ferreira dos Santos* & Luiz Gabriel Andrade Peixoto

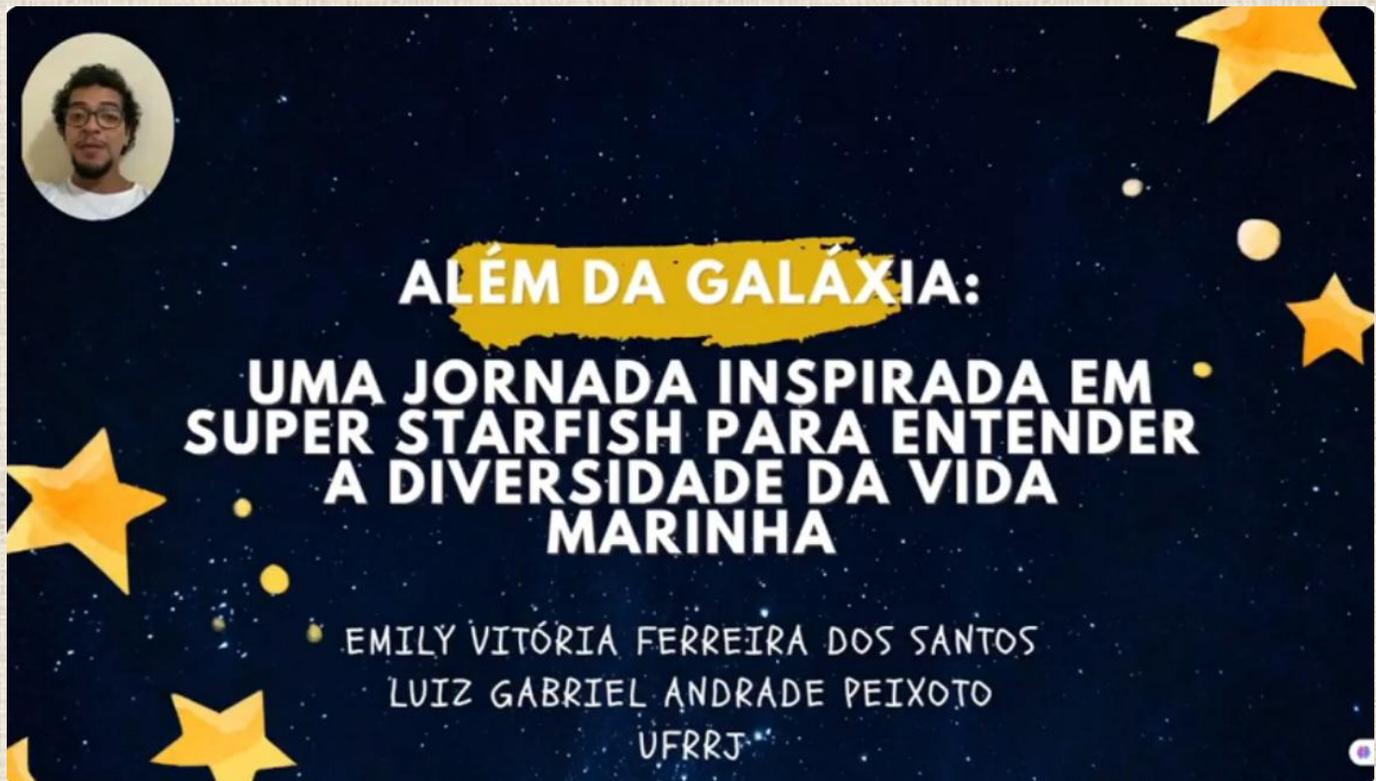
UFRRJ

*emilyvitoriasferreira@gmail.com

Palavras-chave: ensino; jogo; zoologia.

O **Super Starfish** é um jogo desenvolvido pela Protostar Games no qual o jogador assume o papel de um peixe interestelar viajando pelo sistema solar, coletando estrelas e desviando de planetas, enquanto enfrenta desafios que misturam fantasia e elementos inspirados na natureza. Apesar de se ambientar no espaço, o jogo cria uma conexão entre o universo e os oceanos, permitindo refletir sobre a diversidade marinha por meio de criaturas estelares que remetem, em forma e comportamento, a espécies reais encontradas nos mares da Terra. Ao longo da aventura, o peixe protagonista encontra organismos que retratam, cnidários, peixes ósseos e cartilagosos e moluscos, todos reinterpretados de maneira divertida e colorida. Muitos desses seres apresentam adaptações semelhantes às observadas em animais marinhos, como bioluminescência, formas hidrodinâmicas e comportamentos predatórios. Esse cenário não apenas cria uma experiência visual rica, mas também desperta curiosidade sobre a biologia marinha, contribuindo para temas comuns da zoologia, como morfologia e adaptações evolutivas. Essa proposta pode ser relacionada a uma perspectiva educativa e interpretativa, aproximando o público da compreensão da vida marinha por meio da analogia entre o cosmo e o oceano. Nessa abordagem, o jogo pode até ser utilizado como recurso de ensino, oferecendo uma forma leve e acessível de reconhecer características biológicas e valorizar a conservação dos ecossistemas marinhos. Assim, por meio do encantamento e da imersão visual, **Super Starfish** possibilita aprendizado e maior entendimento sobre a diversidade da vida nos oceanos, mesmo quando apresentada “além da galáxia”.

https://youtu.be/3GIPCwb_W-A?si=F5jbhaQcevHB7k0o



ALÉM DA GALÁXIA: UMA JORNADA INSPIRADA EM SUPER STARFISH PARA ENTENDER A DIVERSIDADE DA VIDA MARINHA

Emily Vitória Ferreira dos Santos* & Luiz Gabriel Andrade Peixoto

UFRRJ *emilyvitoriasferreira@gmail.com



https://youtu.be/3GIPCwb_W-A?si=F5jbhaQcevHB7k0o



OS MASCOTES DA COPA DO MUNDO DE CLUBES DA FIFA DE 2025

André Neri Tomiate

Unesp

andretomiate.ant@gmail.com

Palavras-chaves: Carnívora; futebol; zoologia.

Os mascotes de clubes de futebol, frequentemente inspirados em espécies animais, atuam como importantes vetores de identidade institucional e de representação simbólica. Em 2025, houve a primeira edição da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, com representantes de cada continente. O presente estudo objetivou identificar e categorizar a totalidade dos mascotes oficiais das 32 equipes. A metodologia empregada consistiu em uma pesquisa de caráter documental e iconográfico, com foco na coleta e análise das informações oficiais disponibilizadas pelos clubes e pela organização do evento. Os resultados revelaram um universo de 35 mascotes associados às 32 equipes, sendo que quatro clubes não possuíam mascotes e outros quatro apresentavam mais de um. A análise taxonômica demonstrou uma clara prevalência de representações da fauna, classificadas da seguinte forma: 17 mamíferos não humanos, sete aves, um réptil, um peixe, um inseto, três criaturas místicas com características zoológicas e cinco humanos ou humanoides. Em um maior detalhamento taxonômico, os mamíferos não humanos apresentaram a predominância da ordem Carnívora (12), seguida por Artiodactyla (3), Perissodactyla (1) e Rodentia (1). Entre as aves foram identificadas as ordens Falconiformes (2), Accipitriformes (1), Apterygiformes (1), Cathartiformes (1), Pelecaniformes (1), e Psittaciformes (1). Enquanto, o réptil é da ordem Squamata (1) e o peixe é um Laminiformes (1) e o inseto, um Hymenoptera (1). A frequência de representações indica que o cão e o falcão são os animais mais recorrentes, cada um com dois exemplares em times distintos, embora se observe um conjunto de quatro lobos utilizados por uma mesma equipe. Conclui-se que há diversidade taxonômica, embora com alto índice de representatividade da ordem Carnívora, o que evidencia a busca por características simbólicas, como força, ferocidade e agilidade.

<https://youtu.be/VAopQLagDkM?si=RsE4iZvyCCU5yQ6J>

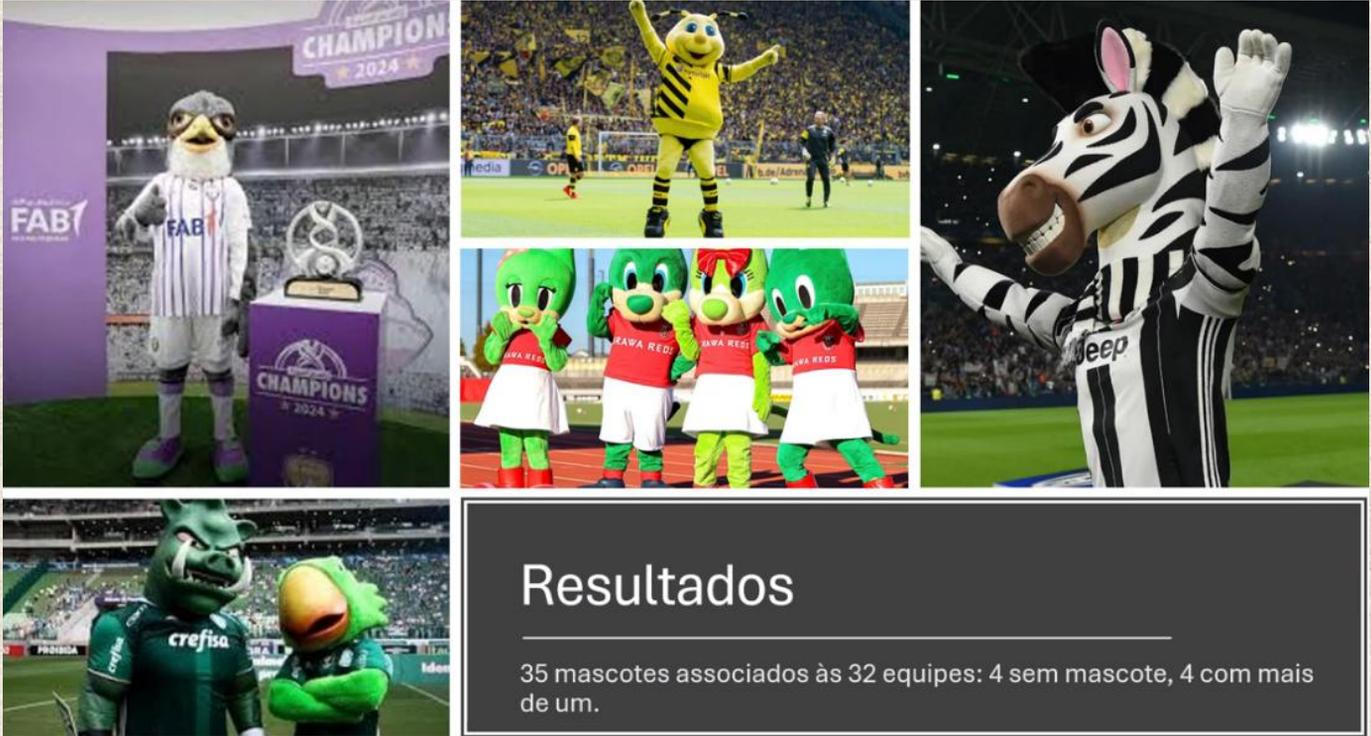


Os mascotes da Copa do Mundo de
Clubes da FIFA de 2025

André Neri Tomiate
andretomiate.ant@gmail.com

OS MASCOTES DA COPA DO MUNDO DE CLUBES DA FIFA DE 2025

André Neri Tomiate
Unesp
andretomiate.ant@gmail.com



Resultados

35 mascotes associados às 32 equipes: 4 sem mascote, 4 com mais de um.

<https://youtu.be/VAopQLagDkM?si=RsE4iZvyCCU5yQ6J>

Resultados

Categoria Principal	Contagem	Porcentagem
Répteis	1	2,86%
Peixes	1	2,86%
Insetos	1	2,86%



ECOLOGIA DOS TITÃS: ASSOCIAÇÃO DO CONCEITO DE NICHU ECOLÓGICO AO MONSTERVERSE

Thales Garcia Serrano* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*thalesserano714@gmail.com

Palavras-chaves: ambiente; Behemoth; equilíbrio; Godzilla; HQ.

Na Terra todo ser vivo é responsável por desempenhar uma função e, desse modo, mantém-se o equilíbrio. O conceito de atribuir à uma espécie uma função é conhecido como nicho ecológico, ideia proposta pelo britânico Charles Sutherland Elton (1927). Ele descreveu o nicho de um organismo em termos de sua função na comunidade e sua posição na cadeia alimentar. Considerando tais aspectos, buscou-se associar esse conceito a algumas obras cinematográficas e literárias, com o objetivo de tornar mais lúdico e visual o conteúdo abordado. Assim, foi feita análise do MonsterVerse, o universo que contém o personagem Godzilla, para visualizar a representação das funções dos titãs no ambiente em que vivem. Nos dois primeiros filmes modernos da franquia, **Godzilla** (2014) e **Godzilla 2: Rei dos Monstros** (2019), é possível observar que os seres comumente chamados de titãs possuem a capacidade de se alimentar e metabolizar a radiação – que, quando metabolizada, se manifesta propiciando o equilíbrio num ambiente outrora deteriorado. Exemplifica-se essa ocorrência na HQ **Godzilla: Dominion** (2021), onde o titã brasileiro Behemoth torna a terra infértil em fértil mais uma vez, ao utilizar a radiação emanada de suas patas. Conclui-se que o trabalho teve seu objetivo atingido, uma vez que foi possível correlacionar o conceito de nicho ecológico à obra cinematográfica escolhida, tornando-o mais visual e facilitando sua compreensão.

<https://youtu.be/EKltNKtFR3Q?si=2BISf2Pomy9b2vtu>



ECOLOGIA DOS TITÃS: ASSOCIAÇÃO DO CONCEITO DE NICHU ECOLÓGICO AO "MONSTERVERSE"

Thales Garcia Serrano* & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio MAX - Taubaté/SP
*thalesserano714@gmail.com

ECOLOGIA DOS TITÃS: ASSOCIAÇÃO DO CONCEITO DE NICHU ECOLÓGICO AO MONSTERVERSE

Thales Garcia Serrano* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*thalesserano714@gmail.com

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nos dois primeiros filmes da franquia - “Godzilla” (2014) e “Godzilla 2: Rei dos monstros” (2019) - é possível observar que os seres comumente chamados de titãs possuem a capacidade de se alimentar e metabolizar a radiação - que, quando metabolizada, se manifesta propiciando o equilíbrio num ambiente outrora deteriorado.

Figura 2: Cena do filme Godzilla 2: Rei dos monstros (2019)



Fonte: Reddit, 2024

Figura 3: Cena do trailer de Godzila X Kong: Novo império (2023)



Fonte: Reddit, 2023

<https://youtu.be/EKltNKtFR3Q?si=2BISf2Pomy9b2vtu>

CONCLUSÃO

Torna-se visível essas ocorrências na HQ “Godzilla: Dominion” (2021), onde o titã brasileiro Behemoth (Titanus Behemonth) torna a terra infértil, fértil mais uma vez ao utilizar da radiação emanada de suas patas, esta já metabolizada pelo mesmo.

Figura 6: Página da HQ Godzilla: Dominion, (2021)



Fonte - Reddit, 2024

Figura 7: Página da HQ Godzilla: Dominion, (2021)



Fonte - Reddit, 2024

NOÇÕES DE COMPORTAMENTO E ECOLOGIA DE ANUROS RETRATADAS EM COMPOSIÇÕES MUSICAIS BRASILEIRAS

Giselle Bittencourt-Lima*; Iago Ferraz; Victor Perrotta & Patrícia Alves Abrunhosa

UFRRJ

*limabttr@gmail.com

Palavras-chave: Anura; etnozootologia; música.

Os anfíbios anuros estão presentes no cotidiano das pessoas e muitas espécies vivem próximas a ambientes urbanos, permitindo um contato mais direto com a sociedade. A partir desse contato, apesar de serem muito mistificados, é possível conhecer aspectos de seu modo de vida a partir das observações populares. Neste trabalho, objetiva-se discutir percepções sobre o comportamento e ecologia dos anuros a partir de menções presentes em músicas brasileiras que fazem referência a esses animais. Para esse fim, foi realizado um levantamento, por meio de pesquisa digital, na plataforma de letras de músicas **Letras**. Até o momento, foram analisadas 18 canções que fazem menção a sapos, rãs, pererecas ou jias em sua composição, abrangendo diferentes gêneros musicais. A partir desse levantamento, foi possível identificar o uso predominante da palavra 'sapo' para se referir aos anuros de maneira geral. Em muitas das canções (n=11), os anuros são retratados vivendo próximos a corpos d'água como lagoas ou rios, o que demonstra a correta associação desses anfíbios a tais ambientes. Um comportamento notável observado em várias das canções é o de vocalização (n=8), citado ou relacionado com a atração de fêmeas. Algumas canções possuem cunho educativo, a fim de desmistificar estigmas sobre os anuros (n=3). Os resultados apresentam informações importantes sobre o olhar da população para os animais ao seu redor e o quanto se conhece sobre sua biologia. Além disso, permitem investigar como a expressão cultural através da música pode colaborar na conservação das espécies, criando diálogos e compartilhando experiências que disseminam conhecimento de maneira lúdica e estimulam a empatia com esses animais.

https://youtu.be/RDbrLlrXbzM?si=EHkGYwKPh-P1M_Mc



ANFÍBIOS MITOLÓGICOS: UM MAPA INTERATIVO

Willison do Carmo^{1*}; Roger Ramalho²; Bruna Guarabyra¹ & Juliana Kirchmeyer¹

1. UFRJ; 1. UERJ

*costa.willisondocarmo@gmail.com

Palavras-chave: folclore; lendas; mitos; popularização da ciência.

Mitologias são utilizadas há milênios por diferentes povos para explicar o mundo e, hoje, também ganharam espaço em representações na cultura pop. Essa influência chega à taxonomia, como exemplificado pela ave *Harpia harpyja* (Accipitridae). Em anfíbios, nomes científicos inspirados em criaturas mitológicas estão distribuídos por todo o mundo. Neste projeto, foi desenvolvido um mapa digital interativo com anfíbios cujos nomes científicos foram inspirados em criaturas mitológicas. Para isso, foi feito um levantamento de artigos das espécies de anfíbios, criaturas mitológicas associadas e imagens de uso não comercial no **Wikimedia Commons**, **iNaturalist** e **Devianart**. A origem do nome das espécies foi extraída dos artigos descritivos. O mapa foi gerado no **Arcgis PRO** e hospedado no **GitHub**, sendo alimentado através de planilha contendo nomes comum e científico do anfíbio, nome e descrição da criatura mitológica homenageada, coordenadas da localidade-tipo da espécie e link para imagens dos anfíbios e seres mitológicos. Uma versão física foi impressa contendo um QR code que direciona o público à versão digital do mapa, onde cada espécie é representada por um ícone personalizado clicável para acessar suas informações. O mapa será utilizado em eventos de divulgação científica para discutir a importância cultural e biológica dos anfíbios, assim como noções de taxonomia e ecologia desses animais. O mapa já conta com 13 espécies de Anura e duas de Caudata, oriundas da América do Sul (13 spp.), Europa (1 sp.) e Ásia (1 sp.). Espera-se que versões futuras incluam ferramentas de contagem do número de acessos, acesso aberto aos códigos e dados utilizados para alimentar o mapa, além de novas espécies e informações, como as áreas de distribuição geográfica.

<https://youtu.be/L3PPEtDWtMo?si=2CRKKh03LNIERqpa>



Willison do Carmo
Roger Ramalho
Bruna Guarabyra
Juliana Kirchmeyer

ANFÍBIOS MITOLÓGICOS

Um mapa interativo

ANFÍBIOS MITOLÓGICOS: UM MAPA INTERATIVO

Willison do Carmo^{1*}; Roger Ramalho²; Bruna Guarabyra¹ & Juliana Kirchmeyer¹

1. UFRJ; 1. UERJ

*costa.willisondocarmo@gmail.com

OBJETIVO DO TRABALHO

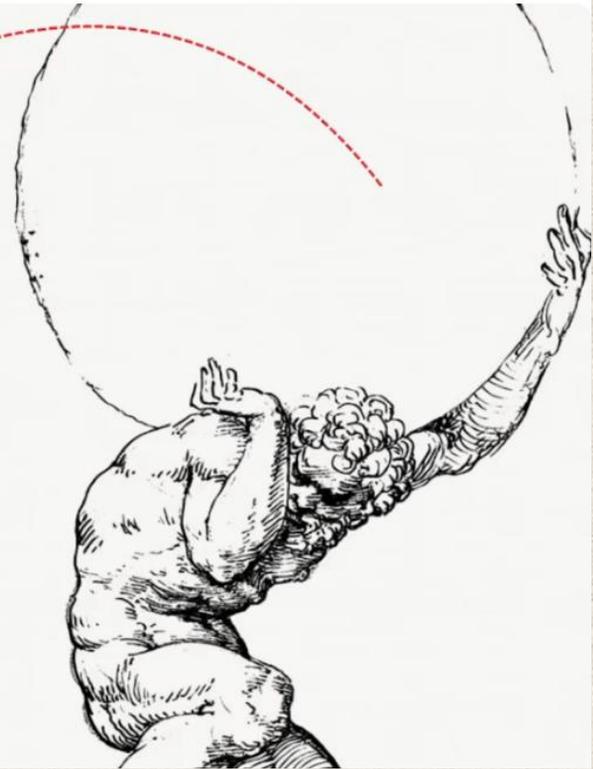


Trachycephalus atlas

Bruno Cardoso (iNaturalist)

Criar um mapa digital interativo com anfíbios cujos nomes científicos derivam de seres mitológicos.

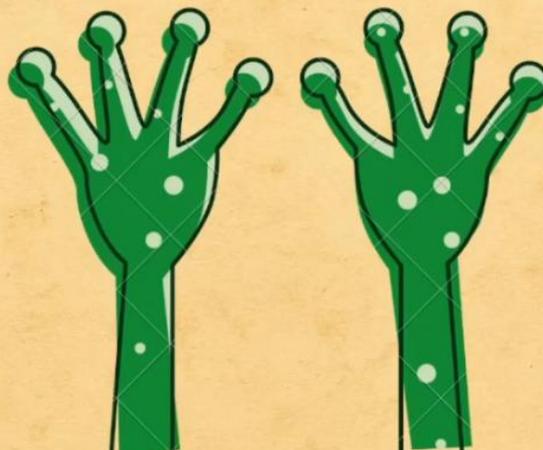
Utilizar o mapa em eventos de divulgação científica para discutir relações entre ciência e cultura.



<https://youtu.be/L3PPEtDWtMo?si=2CRKKh03LNIERqpa>

GOSTOU DO PROJETO?

Então siga o [@laboratoriodeanfibios](https://www.instagram.com/laboratoriodeanfibios) no instagram para continuar nos acompanhando!



QUANDO O URSO DANÇA E PEDE DINHEIRO: FESTAS POPULARES, MEMÓRIA CULTURAL E A CIÊNCIA DOS TREMARCTINAE (URSIDAE)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

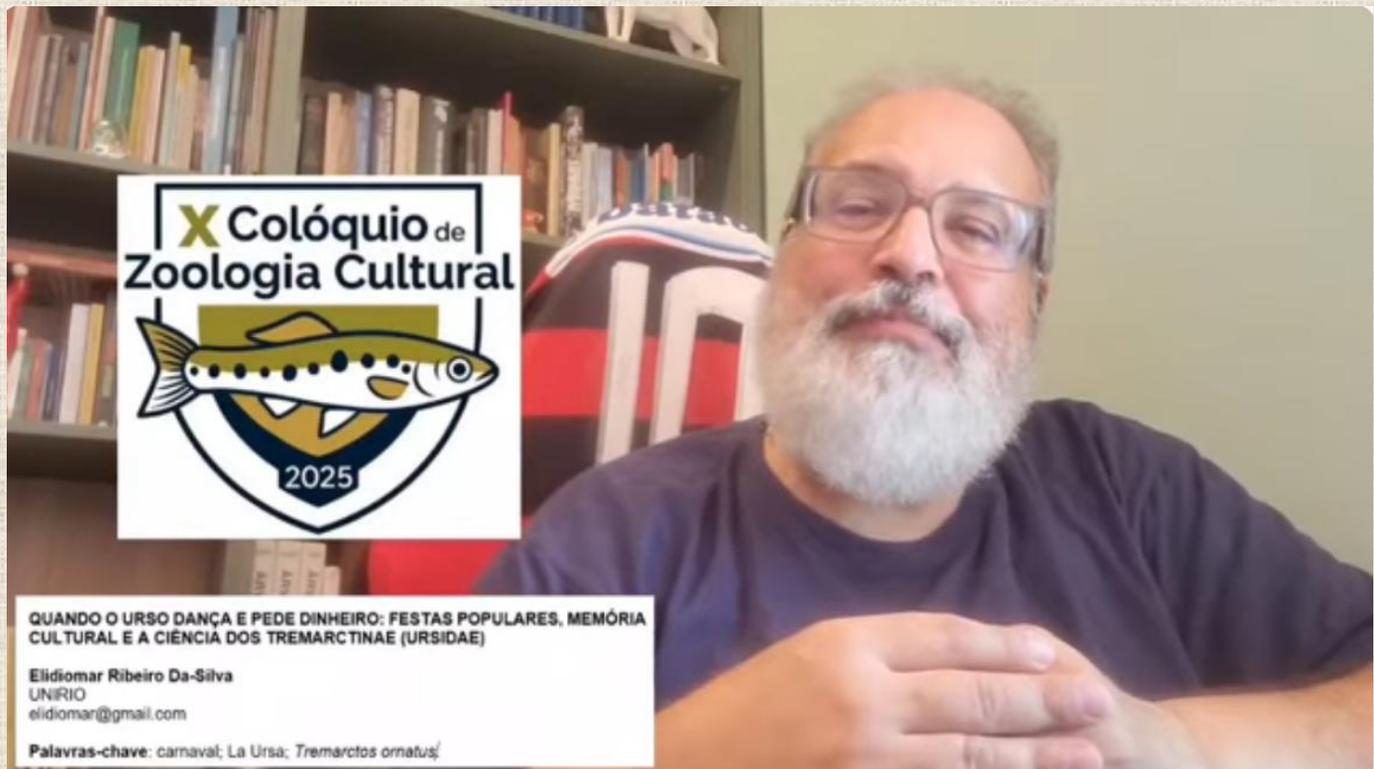
UNIRIO

elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: carnaval; La Ursa; *Tremarctos ornatus*.

La Ursa e variantes de “ursos” mascarados são manifestações folclóricas documentadas no Nordeste brasileiro. A base etnográfica mais robusta é em Pernambuco e na Paraíba, mas há registros também no Rio Grande do Norte, além de ocorrências pontuais em outros estados. Em sua forma pernambucana, La Ursa aparece como um brincante fantasiado de urso, acompanhado por um condutor e músicos, que circulam ruas e praças no carnaval, cantando refrões e solicitando donativos; no restante do Nordeste a figura reaparece em reisados e folguedos locais com funções análogas de provocação satírica e liminaridade. Por outro lado, nas tradições andinas o urso-de-óculos (*Tremarctos ornatus*), único ursídeo sul-americano atual, integra danças, festas e cortejos de montanha no Peru e na Bolívia, como no caso do personagem híbrido Ukuku. Em práticas etnográficas bem documentadas nos Andes, o oso (urso, em espanhol) simboliza força, fertilidade e mediação entre humano e selvagem. Dos pontos de vista científico e educativo, esses folguedos oferecem uma ponte eficaz para divulgar duas dimensões do patrimônio da subfamília Tremarctinae (Ursidae): o remanescente vivo já mencionado, *T. ornatus*, cuja conservação depende de políticas andinas; e o patrimônio paleontológico, representado por ursos pleistocênicos do gênero *Arctotherium*, cujos fósseis ocorrem também no Brasil. Mesmo quando as origens históricas (por exemplo, a possível influência circense europeia de La Ursa) são hipóteses plausíveis, a convergência simbólica permite usar festas como veículos de educação pública. Conectando, com isso, memória popular, paleontologia e conservação para fortalecer identidades locais e políticas de proteção da biodiversidade e do registro fóssil. Que, assim como a La Ursa e seus pedidos de dinheiro, dependem da dotação de verbas para a preservação tanto atual quanto histórica.

<https://youtu.be/8Y1yRbpCnTY?si=pAMZzG83ZfouxzUh>



QUANDO O URSO DANÇA E PEDE DINHEIRO: FESTAS POPULARES, MEMÓRIA CULTURAL E A CIÊNCIA DOS TREMARCTINAE (URSIDAE)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

elidiomar@gmail.com



QUANDO O URSO DANÇA E PEDE DINHEIRO: FESTAS POPULARES, MEMÓRIA CULTURAL E A CIÊNCIA DOS TREMARCTINAE (URSIDAE)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva
UNIRIO
elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: carnaval; La Ursa; Tremarctos ornatus/



<https://youtu.be/8Y1yRbpCnTY?si=pAMZzG83ZfouxUh>



QUANDO O URSO DANÇA E PEDE DINHEIRO: FESTAS POPULARES, MEMÓRIA CULTURAL E A CIÊNCIA DOS TREMARCTINAE (URSIDAE)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva
UNIRIO
elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: carnaval; La Ursa; Tremarctos ornatus/



O MASCOTE DO FLAMENGO E A SANTA MILAGREIRA DOS ESTUDANTES DE MANAUS: EXEMPLOS DE RESSIGNIFICAÇÃO COM AS BÊNÇÃOS DA ZOOLOGIA POPULAR

Elidiomar Ribeiro Da-Silva^{1*} & Maria Eduarda de Paiva Souza²

1. Unirio; 2. UFF

*elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: feminicídio; simbolismo; urubus.

O Clube de Regatas do Flamengo tem uma torcida diversa, incluindo muitos torcedores negros e pobres; por isso, os rivais começaram a chamar os adeptos do time rubro-negro carioca de “urubus” de forma pejorativa e racista. Ressignificando o insulto, os flamenguistas adotaram o urubu-preto (*Coragyps atratus*) como mascote, representando a garra e resistência historicamente características do time. Embora em algumas culturas urubus e abutres (Cathartiformes: Cathartidae) possam significar renascimento e purificação, para a maioria dos olhares eles costumam ter representação social negativa por conta da necrofagia. Em Manaus, Amazonas, há uma milagreira de cemitério de nome Etelvina D’Alencar que, segundo a fé popular, concede bênçãos aos estudantes devotos. A tradição oral afirma que no início do século XX ela teria sido barbaramente assassinada pelo ex-noivo por conta de ciúmes. Algumas narrativas afirmam que urubus ajudaram a localizar o corpo da “Santa dos Estudantes”, o que parece bem plausível do ponto de vista biológico, posto que urubus são capazes de identificar carcaças em áreas de mata, inclusive nas periferias urbanas e suburbanas. Culturalmente, essa associação faz sentido dentro da tradição amazônica e da folkcomunicação, com animais considerados “marginais” podendo ganhar papéis simbólicos como reveladores, mediadores ou denunciadores de injustiças. Assim, a relação entre Etelvina e os urubus é verossímil como hipótese de construção simbólica e ecológica. Ainda dentro desse exercício especulativo, pode-se imaginar que exemplares do gênero *Cathartes* possam ter encontrado o corpo, por conta de sua tremenda acuidade olfativa, atraindo posteriormente o gregário urubu-preto. Que, décadas mais tarde, viria a ser adotado como símbolo ressignificado do mais popular time de futebol do planeta.

<https://youtu.be/UpGB5XNDM3Q?si=Xc57aB14loLDmtNd>

O MASCOTE DO FLAMENGO E A SANTA MILAGREIRA DOS ESTUDANTES DE MANAUS: EXEMPLOS DE RESSIGNIFICAÇÃO COM AS BÊNÇÃOS DA ZOOLOGIA POPULAR



Elidiomar Ribeiro Da-Silva^{1*} & Maria Eduarda de Paiva Souza²

¹Unirio; ²UFF

*elidiomar@gmail.com

O MASCOTE DO FLAMENGO E A SANTA MILAGREIRA DOS ESTUDANTES DE MANAUS: EXEMPLOS DE RESSIGNIFICAÇÃO COM AS BÊNÇÃOS DA ZOOLOGIA POPULAR

Elidiomar Ribeiro Da-Silva^{1*} & Maria Eduarda de Paiva Souza²

1. Unirio; 2. UFF

*elidiomar@gmail.com



<https://youtu.be/UpGB5XNDM3Q?si=Xc57aB14loLDmtNd>



Nossa gratidão, autoras(es)



O logo desta edição é baseado no barrigudinho
Cnesterodon decemmaculatus (Jenyns, 1842)
(Cyprinodontiformes: Poeciliidae)

Publicado em:



31 de dezembro de 2025
DOI:10.5281/zenodo.18111596

Citação:

DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed.). 2025.
X Colóquio de Zoologia Cultural. Livro do evento -
vol. 2: Palestra de abertura e temas livres.
A Bruxa 9 (especial 3): 61 p.

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>